



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
CURSO DE MESTRADO

TACIANA ELAINE DE MOURA DIAS

**CONSTRUÇÃO DE SIGNIFICADOS DE MEMÓRIA POR IDOSOS RESIDENTES
EM UMA CIDADE DO INTERIOR DE PERNAMBUCO**

RECIFE

2022

TACIANA ELAINE DE MOURA DIAS

**CONSTRUÇÃO DE SIGNIFICADOS DE MEMÓRIA POR IDOSOS RESIDENTES
EM UMA CIDADE DO INTERIOR DE PERNAMBUCO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito final para a obtenção do título de Mestre em Psicologia. **Área de concentração:** Psicologia.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Edclécia Reino Carneiro de Moraes.

RECIFE

2022

Catálogo na fonte
Bibliotecária Maria do Carmo de Paiva, CRB4-1291

D541c Dias, Taciana Elaine de Moura.
 Construção de significados de memória por idosos residentes em uma
 cidade do interior de Pernambuco / Taciana Elaine de Moura Dias. – 2022.
 86 f. : il. ; 30 cm.

 Orientadora : Prof^ª. Dr^ª. Edclecia Reino Carneiro de Moraes.
 Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH.
 Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Recife, 2022.
 Inclui referências e apêndices.

 1. Psicologia. 2. Memória. 3. Envelhecimento. 4. Idosos. I. Moraes,
 Edclecia Reino Carneiro de (Orientadora). II. Título.

150 CDD (22. ed.)

UFPE (BCFCH2023-068)

TACIANA ELAINE DE MOURA DIAS

**A CONSTRUÇÃO DE SIGNIFICADOS DE MEMÓRIA POR IDOSOS RESIDENTES
EM UMA CIDADE DO INTERIOR DE PERNAMBUCO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito final para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Aprovada em: 07/03/2022.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Edclécia Reino Carneiro de Moraes (Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^a. Dr^a. Danyelle Almeida de Andrade (Examinadora Interna)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^o. Dr^o. Lassana Danfá (Examinador Externo)
UNINASSAU - Campus Garanhuns

Dedico a mim por não ter desistido.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus por ser minha força, minha fortaleza e por me conceder a dádiva da vida. Sem ele, eu nada seria; é n'Ele que existo e sou. Nos momentos mais difíceis, ele me segurou e não me deixou desistir.

Agradeço a todos que direta ou indiretamente estiveram comigo nessa jornada, em especial meus amigos/anjos, Veronildo de Lira e Santina Araújo, por terem me acolhido, amparado e possibilitado a concretude desta dissertação.

Ao meu amigo, Jefferson Wildes, que dividiu comigo todo o processo, as angústias, os medos, as alegrias e as muitas lágrimas. Foi amparo, foi troca, foi apoio e, sobretudo, um dos meus maiores incentivadores.

A minha amiga/irmã, Jaciane Virginio, pela torcida de sempre, pelo carinho e por existir na minha vida.

A minha amiga, Isabel Cristina, pelas palavras doces e por ser luz na minha vida, mesmo longe fisicamente.

Ao meu psicoterapeuta, Fernando Cruz, por ter estado ao meu lado em um dos momentos mais difíceis e dolorosos. Ter sido sustento e acompanhado com sensibilidade minha trajetória.

A minha orientadora, Edclécia Reino Carneiro de Moraes, a quem dedico apreço por ter me guiado nesse percurso com generosidade, paciência, sensibilidade e ter acreditado em mim e dividido comigo seu conhecimento.

A minha sobrinha, Ana Lara, que me faz querer ser sempre o melhor de mim e a quem dedico todo meu amor.

Ao meu sobrinho, José Alison, meu primeiro amor e a representação da doçura em pessoa.

A minha família, em especial, a minha mãe por ter me mostrado a importância da educação, por ser meu maior exemplo de força, coragem e ter possibilitado a construção de estruturas facilitadoras para meu crescimento pessoal e profissional.

A Fabíola Freire, por ter sido mão que acolhe, ombro que ampara e amiga.

A Even Paula, pelo incentivo, desde antes da seleção, e por construir junto comigo o percurso que desencadeou no mestrado.

A Marlom Jobsom, Antônio Barbosa, Junior Lima e Leandro Pereira, pelo apoio nessa jornada e por tantas outras participações em minha vida.

A minha amiga, Veriana Marinho, por torcer tanto pelas minhas conquistas e pelo carinho dedicado.

Aos idosos que dividiram comigo seu maior tesouro, suas memórias.

Agradeço também a Osman Flôr, por ter me conduzido ao encontro dos idosos que se fazem presente nesta dissertação.

A Prefeitura Municipal de Buenos Aires/PE, por ter sido o ponto de partida para concretude deste trabalho.

A E. C., por me ouvir, acolher, vibrar com minhas conquistas, pela aprendizagem proporcionada, por ter feito parte desse sonho desde o início e pelos silêncios eloquentes.

Por fim, agradeço a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo auxílio financeiro concedido para a realização deste trabalho.

Dos medos nascem as coragens; e das dúvidas, as certezas. Os sonhos anunciam outra realidade possível, e os delírios, outras razões. Somos, enfim, o que fazemos para transformar o que somos. A identidade não é uma peça de museu, quietinha na vitrine, mas a sempre assombrosa síntese das contradições nossas de cada dia. (GALEANO, Eduardo, 1940-2015, p. 123).

RESUMO

Ao longo do desenvolvimento, podem ocorrer alterações na redução da velocidade de processamento da informação, afetando o desempenho cognitivo, em especial, a memória. O presente estudo teve como objetivo compreender os diferentes significados atribuídos à memória por idosos. Para tal, escolheu-se o suporte teórico da Rede de Significações (RedSig). A pesquisa foi realizada na cidade de Buenos Aires, Pernambuco, localizada a 79 km de distância da capital e contou com a participação de 8 idosos, sendo 3 do sexo masculino e 5 do sexo feminino, com idades entre 67 e 101 anos (M: 79; DP: 12,5). A escolha desta cidade se deu, devido ao atual cenário pandêmico da COVID-19, com limitações de circulação e deslocamentos por parte da pesquisadora. O local de coleta dos dados foi acordado com cada participante da pesquisa, levando-se em consideração sua disponibilidade e as medidas de segurança. Os instrumentos utilizados foram um questionário sociodemográfico e uma entrevista semiestruturada. Identificamos as seguintes categorias como unidades de significados a partir das narrativas dos idosos: importância da memória; memória de Buenos Aires; mudanças observadas; lembrar; relatos de esquecimento e estratégias compensatórias. As discussões atravessaram questões referentes aos contextos de desenvolvimento, percepções a respeito da velhice e os processos de significação da memória. Os resultados indicam os multifatores que circunscrevem a própria construção de significados sobre a memória, estreitamente relacionada com a história de vida de cada um dos participantes. Considerando que as exposições exibem alguns significados que já são usualmente relacionados à memória na velhice; como sendo comum a presença de falhas de memória e o declínio das funções mnemônicas. Em contrapartida, pode-se verificar relatos positivos sobre as funções mnemônicas, contrariando, tanto a percepção social sobre a memória dos idosos quanto achados na literatura. Embora sejam expressões individuais, a construção de significados referentes ao envelhecimento, em especial a memória, estabelece-se de maneiras variadas a depender de cada grupo, cultura e de características particulares de cada indivíduo. Almeja-se, portanto, que os achados possam nortear futuros trabalhos no mesmo seguimento.

Palavras chave: Memória; Envelhecimento; Idoso; Rede de significações.

ABSTRACT

Throughout the development, there may occur alterations in the reduction of information processing speed, affecting the cognitive development, in special the memory. The present study has the goal to understand the different meanings assigned to memory by elderly people. For such, it was chosen for the theoretical support of the Network of Meanings. The research was executed in the Buenos Aires city, Pernambuco, located 79KM away from the capital, and it had the participation of 8 elderly, three male and five female, aged between 67 and 101 years (A: 79. SD: 12,5). The choice of this city was made due to the current pandemic scenario related to COVID-19, with limitations of circulation and displacements by the researcher. The local for data collecting was agreed with each participant, taking into consideration its availability and the security measures. The instruments utilized were a sociodemographic survey and a semistructured interview. We identify the following categories as meaning unities from the elderly narratives: memory importance; memory from Buenos Aires. observed changes; remember; forgetfulness reports and strategies compensatory. The discussions crossed questions regarding the contexts of development, perceptions about old age and the processes of meaning of memory. The results indicate the multifactors that circumscribe the very construction of meanings about memory, closely related to the life history of each one of the participants. Considering that the exposures exhibit some meanings that are already usually related to memory in old age; as being common the presence of failures of memory and decline in mnemonic functions. On the other hand, it was noticed reports can be positive about the mnemonic functions, contradicting both the social perception about the memory of the elderly and findings in the literature. Although they are individual expressions, the construction of meanings related to aging, especially memory, establishes in different ways depending on each group, culture and characteristics particular to each individual. It is hoped that the findings can

Keywords: Memory; Aging; Elderly; Network of meanings.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Foto da praça localizada na área central da cidade de Buenos Aires/PE.....	35
Quadro 1 - Perfil dos participantes da pesquisa.....	37
Quadro 2 - Unidades de significados.....	41

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CFCH	Centro de Filosofia e Ciências Humanas
COVID-19	Coronavírus Disease
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
DSM-V	Diagnostic and Statistical Manual of Mental 44 Disorders- V edition
EFI	Ensino Fundamental Incompleto
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LABINT	Laboratório de Interação Social Humana
MO	Memória Operacional
NSF	National Science Foundation
OMS	Organização Mundial de Saúde
REDSIG	Rede de Significações
SOC	Seleção, Otimização e Compensação
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TRM	Tempo de Reação Manual
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
USA	Estados Unidos
USP	Universidade de São Paulo
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas
UnB	Universidade de Brasília
UFF	Universidade Federal Fluminense

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	13
2	O PROCESSO DE ENVELHECIMENTO.....	16
2.1	Envelhecimento e Memória.....	20
2.2	Rede de Significações.....	26
3	OBJETIVOS.....	32
3.1	Geral	32
3.2	Específicos	32
4	MÉTODO.....	33
4.1	Local da pesquisa.....	33
4.2	Participantes	35
4.3	Crítérios de inclusão e exclusão.....	36
4.4	Instrumentos e materiais para coleta de dados	36
4.5	Procedimentos de coleta de dados	37
4.6	Procedimentos de análise dos dados	38
4.7	Aspectos éticos	39
5	RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	41
5.1	Importância da memória.....	42
5.2	Memória de Buenos Aires.....	48
5.3	Mudanças observadas.....	53
5.4	Rememorar.....	57
5.5	Relatos de esquecimento.....	60
5.6	Estratégias compensatórias.....	65
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	69
	REFERÊNCIAS	72
	APÊNDICE A - Questionário Sociodemográfico.....	81
	APÊNDICE B - Roteiro de Entrevista.....	82
	APÊNDICE C - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	84

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho foi construído através do entrelaçamento de teorias, histórias, vivências e inquietudes de uma pessoa que não queria apenas entender dados, mas trazer, para sua pesquisa, características dos sujeitos de ordem subjetivas que pudessem ser impressas no estudo.

Desde o início da graduação, a temática do envelhecimento humano e sua relação com a memória chamava minha atenção e, no decorrer do processo, foi o caminho escolhido para a pesquisa. Diferentes laboratórios e professores contribuíram para um aprofundamento teórico, tanto na neurociência quanto na psicologia social e do desenvolvimento.

Com o decorrer do tempo, alguns questionamentos surgiram a partir de pesquisas por mim desenvolvidas. Por exemplo, como se sentiam os sujeitos idosos que estavam sendo submetidos à aplicação de testes de rastreio cognitivo ou testes que envolviam a medida do Tempo de Reação Manual (TRM)? A partir dessas questões, e com interesse em galgar por outros campos da psicologia, busquei investigar, por meio de uma pesquisa de monografia, como os idosos se organizavam a partir das falhas de memória e quais estratégias eram usadas por eles para minimizar o esquecimento (DIAS, 2017).

As estratégias de memória, além de auxiliar no processamento das informações, podem colaborar na ordenação dos esquemas que serão codificados (KLINGBERG, 2010). Nesse sentido, a pesquisa desenvolvida sob o título “Envelhecimento e Memória: um estudo sobre as diferentes estratégias sociocognitivas utilizadas por idosos” identificou que os sujeitos idosos parecem beneficiar-se da seleção, da otimização e da compensação na sua vida cotidiana para melhor adaptar-se às situações de esquecimento que vão tornando-se corriqueiras, lançando mãos de métodos simples (DIAS, 2017). Os sujeitos selecionavam uma estratégia para auxiliar a memória no desempenho das atividades do dia a dia, como, por exemplo, o uso de blocos de papel e/ou calendário e, à medida que o método fosse sendo usado (otimização), era possível perceber que o suporte adotado possibilitava com que compromissos considerados importantes por eles não fossem esquecidos (compensação). A partir de implicações existentes sobre os efeitos do envelhecimento na cognição de idosos, pôde-se observar que eles se cercam de estratégias mais elaboradas do que os adultos jovens para resolução de conflitos envolvendo uma tarefa de estimulação computacional (LEMAIRE; HINAULT, 2014). Tais estratégias possibilitam recordar algo que talvez pudesse passar despercebido sem a adoção desse mecanismo de suporte.

Nesse percurso, cresceu o interesse por estudar os significados que os idosos atribuem à memória, e como é para esses sujeitos não lembrar algo. De acordo com Bosi (1998), aos idosos é cobrada uma memória que não condiz com sua fase do desenvolvimento; exigimos deles que possuam uma memória ímpar, sem falhas, pois as falhas nos levam a atribuir a necessidade de cuidado e supervisão constante sobre eles.

Em se tratando das mudanças advindas com a idade, a memória é uma das habilidades cognitivas que pode ser afetada com o envelhecimento. Sob essa óptica, muitas vezes, ao menor sinal de esquecimento, o idoso pode ser levado a crer que se trata de um processo demencial. Como ressalta Petersen (2011), para o sujeito idoso, os défices cognitivos tornam-se mais evidentes e podem ser interpretados como sinal de um declínio irreparável. No entanto, as queixas de memória estão presentes em diferentes idades, não sendo características apenas de um período do desenvolvimento humano e, em relação aos idosos, observa-se que prejuízos mnemônicos podem estar presentes mesmo no envelhecimento saudável (PAULO; YASSUDA, 2010).

Lindôso (2018) enfatiza a importância de se estudar a memória a partir de um olhar multidimensional, uma vez que, assim como o envelhecimento, ela também está perpassada por múltiplos fatores que circundam a vida do sujeito e se estabelece em sua relação com os pares. Tal autor ressalta, ainda, que as alterações na memória dos idosos estão ligadas ao modo de vida adotado individualmente por eles e influenciam sua visão da velhice. Como destacam Morando, Schmitt e Ferreira (2017), problemas de memória em idosos estão atrelados diretamente à qualidade de vida e interferem na relação de autocuidado.

Conforme identificado por Gomes, Souza, Marques e Leal (2020), a maneira como o idoso avalia seu funcionamento cognitivo é apontado como um sinalizador de sua condição de saúde, podendo influenciar negativamente quadros de depressão, ansiedade e causar interferência em sua qualidade de vida. Além disso, as autoras expuseram diferentes condições, tais como: eventos biológicos, hábitos de vida e o próprio ambiente do idoso como decisórios para o envelhecimento cognitivo.

Ademais, Bourscheid, Mothes e Irigaray (2016) analisaram a relação entre sujeito idoso e sua memória e observaram o quanto uma compreensão positiva sobre a memória está relacionada a um melhor desempenho em tarefas que requerem tal capacidade cognitiva, assim como, uma compreensão negativa pode acarretar resultados ruins, interferindo na realização de testes subjetivos.

Sendo assim, o interesse central do presente estudo refere-se às significações dos idosos sobre a memória. Para tal, acredita-se no caráter discursivo, semiótico da constituição

humana, na importância das interações que estabelecemos ao longo da nossa existência, assim como na construção dos significados, dos sentidos designados a esse processo (ROSSETTI-FERREIRA; AMORIM; SILVA, 2004). Outrossim, percebe-se que a preocupação em encontrar medidas que venham proporcionar qualidade de vida a esse público tem impulsionado as pesquisas acadêmicas (ARAGÃO; CHARIGLIONE, 2019).

Sendo assim, essa dissertação organiza-se em cinco capítulos, o primeiro discorre sobre processo de envelhecimento demográfico no Brasil e no mundo, destacando os desafios encontrados no contexto brasileiro e as diferentes perspectivas a respeito desse processo, situando, em especial, a velhice enquanto uma etapa de vida com possibilidade de aquisição de novas aprendizagens. Além de que, trata-se de um processo vivenciado por todos os sujeitos, mas que se difere a partir das experiências vividas. No mesmo capítulo, propomo-nos a discutir também a relação entre a memória e o processo de envelhecimento, ressaltando que, na velhice, podem ocorrer alterações de ordem cognitivas, sendo as funções mnemônicas uma das habilidades com mais indicativos de comprometimentos atrelados a essa fase da vida. Apresentamos, em seguida, a Perspectiva Teórico-metodológica da Rede de Significações - RedSig por constituir-se como um importante aparato para a discussão do tema proposto, vista sua possibilidade em associar elementos afetivos, cognitivos, sociais e individuais na apreensão dos significados conferidos pelos sujeitos aos objetos da vida cotidiana (OLIVEIRA, 2008).

No segundo capítulo, foram expostos os objetivos do nosso estudo.

No terceiro, foram apresentados o método adotado para a realização da pesquisa, englobando uma descrição detalhada sobre o local de coleta dos dados, os participantes, os instrumentos, os materiais utilizados para compor os dados, análise dos dados e aspectos éticos.

O quarto capítulo, por sua vez, discorre sobre a apresentação e a discussão dos resultados obtidos em articulação com o referencial teórico.

Por fim, discorremos acerca das considerações finais e dos principais resultados em consonância com os objetivos propostos para o estudo, suas contribuições, limites e viabilidade.

2 O PROCESSO DE ENVELHECIMENTO

O processo de envelhecimento demográfico no Brasil e no mundo vem carregado de múltiplas determinações. Os índices dessa população crescem na medida em que acontecem aumento na expectativa de vida e redução na taxa de mortalidade, fatores considerados importantes para explicar o crescimento do número de pessoas idosas com relação ao número de pessoas jovens (MIRANDA; MENDES; SILVA, 2016). Esse aumento simboliza, de forma demográfica, uma das transformações mais importantes do século XXI. Segundo dados da Organização Mundial da Saúde – OMS (2015), a estimativa é que até 2050, pela primeira vez na história, o número de pessoas idosas no Brasil será maior que o número de crianças menores de cinco anos.

Diante desse cenário, é fulcral compreender que o envelhecimento é caracterizado como um processo dinâmico, progressivo e irreversível, envolvendo alterações significativas em processos biológicos, psíquicos e sociais (BRITO; LITVOC, 2004; FAZZIO, 2012). Na medida em que envelhecem, é comum que as pessoas apresentem alterações de diferentes ordens: fisiológica, psicológica e social, além de gradativo aumento de dependência para o desempenho das atividades da vida diária com diminuição da capacidade funcional, de modo que passam, pouco a pouco, a demandar maior atenção e necessidades de cuidados especiais no seu cotidiano (FERREIRA *et al.*, 2012). A capacidade funcional relaciona-se à competência do idoso diante do desempenho de atividades diárias, atividades antes executadas pela própria pessoa que, com o envelhecimento, sofrem limitações, restrições, privando-os da execução de hábitos considerados importantes (SILVANA *et al.*, 2010).

Nesse sentido, as alterações advindas com a chegada da velhice sejam físicas, biológicas ou cognitivas, podem afetar a mobilidade e a própria independência, causando restrições sociais e afetações no desempenho das atividades diárias e no próprio bem-estar do idoso (FECHINE; TROMPIERI, 2012).

Além disso, na sociedade industrial, saúde e doença podem ser vistas como sinônimo de produtividade e/ou de inutilidade. Para alguns, ter saúde física possibilita autonomia, cuidar de si e tomar decisões; já a doença representa restrições físicas, sociais, impossibilidade, restrição e perda do direito de escolha, fator muito presente entre os idosos (FERREIRA *et al.*, 2012).

Nessa linha de raciocínio, constata-se que o adoecimento e a velhice são fatores que contribuem muitas vezes para a instituição de relações que privam os idosos do exercício

pleno de sua autonomia. As necessidades de autoafirmação como pessoas competentes para tomada de decisão, e a escolha são exigências muito mais presentes na velhice do que em outras etapas do ciclo vital (SILVA; FIXINA, 2018). Vale salientar que, embora seja esperada a presença de alterações mnemônicas entre os idosos, tais mudanças ocorrerão e serão percebidas de formas diferentes por cada indivíduo (SACRAMENTO; CHARIGLIONE; MELO; CÁRDENAS, 2021). Posto isso, a velhice é um espaço temporal que pode englobar uma grande variedade de momentos no ciclo vital, de modo que aos 60, 70, 80, 90 e 100 anos muitas variações irão ocorrer do ponto de vista de qualidade de vida e de condições funcionais para realização das atividades cotidianas. Salienta-se também que é preciso desmistificar construtos sociais relacionados à velhice como associado apenas ao declínio gradual, visto “que o idoso preserva, ao longo da vida, a habilidade de aprender” (SACRAMENTO; CHARIGLIONE; MELO; CÁRDENAS, 2021, p. 8).

Neri (2006) e Ribeiro (2015) pontuam as diferentes percepções em torno da velhice: de um lado, os defensores dessa fase da vida como associada às perdas e ao declínio das funções biológicas e, de outro, argumentos sobre este período com possibilidade da manutenção do engajamento ativo não estagnado. Essas formas de pensar o envelhecimento como multifacetado e dinâmico influenciaram a psicologia do envelhecimento a deixar de ser uma psicologia do declínio para tornar-se uma área de estudo do desenvolvimento humano ao longo de toda vida.

O processo de envelhecimento extrapola a condição de mero ciclo biológico condicionado no tempo para ser entendido como fenômeno humano e social, multifacetado por expressões sociais e múltiplas significações culturais construídas na sociedade, que só adquirem inteligibilidade quando pensadas a partir de um determinado modo de produção, neste caso, o modo de produção capitalista. (ESCORSIM, 2021, p. 430).

Divergindo da concepção de que, durante o processo de envelhecimento, não podemos mais nos desenvolver cognitivamente, surge o paradigma *Lifespan*, que compreende o desenvolvimento humano como um contínuo durante todas as fases da vida, não se encerrando na velhice (NERI, 2006). De acordo com essa perspectiva, assim como em outras fases da vida, a velhice se constitui a partir de perdas e ganhos. Neri (1995) enfatiza que tal como em outras etapas do desenvolvimento, a velhice também precisa de investimentos científicos e tecnológicos voltados à promoção de qualidade de vida, incentivando o aprimoramento de habilidades presentes no idoso e as possíveis limitações advindas com a idade.

Esse paradigma busca abordar o indivíduo em sua pluralidade e enxerga o envelhecimento para além dos declínios e déficits, abarcando-se os diversos mecanismos que podem ser desenvolvidos ou otimizados para que esta etapa do ciclo da vida possa ser vivenciada de forma satisfatória e ainda seja alcançado um envelhecimento bem-sucedido. (BARBOSA; FARIA; RIBEIRO; MÁRMORA, 2020, p.17).

Para Barbosa, Faria, Ribeiro e Mármora (2020), uma das maiores contribuições do paradigma *lifespan* consiste na desconstrução da ideia de envelhecimento associada apenas à diminuição da funcionalidade e ao declínio das funções cognitivas. Outro ponto diz respeito aos aspectos culturais que devem ser considerados ao pensar a velhice, pois influenciam diretamente o processo de envelhecimento. Os autores também expõem que o paradigma *lifespan* nos possibilita olhar para o fenômeno do envelhecimento como um processo em curso e que não se encerra em determinada fase, acreditando que devemos buscar compreender através de “aspectos biopsicossociais do idoso os desfechos clínicos nos quais o envelhecimento pode culminar” (p.17).

Nesse sentido, o paradigma *lifespan* entende o desenvolvimento humano como estando atravessado por influências análogas genético-biológicas e socioculturais, de natureza normativa e não-normativa. As influências normativas estão ligadas a eventos imagináveis, tais como: entrada na escola, casamento e aposentadoria. Já as não-normativas relacionam-se aos eventos inesperados que acontecem durante o curso do desenvolvimento, ambas interagem simultaneamente durante a trajetória de vida dos indivíduos (NERI, 2006).

A partir da compreensão de que sofremos influências diversas, alocamos recursos em todas as fases do desenvolvimento e somos capazes de nos permitir lidar com as adversidades oriundas de cada etapa. Acerca disso, Baltes e Baltes (1990 *apud* NERI, 2006) propôs a teoria de seleção, otimização e compensação (SOC), na qual ressalta que os sujeitos idosos se organizam a partir de diferentes recursos, externos ou internos, para maximizar ganhos e minimizar possíveis perdas originárias do processo de envelhecimento. Os dois objetivos principais desta teoria referem-se à compreensão de como os indivíduos lidam com as alterações em diferentes aspectos da vida, sejam biológicas, psicológicas e sociais, e de como eles se organizam a partir dos recursos obtidos (NERI, 2006).

A velhice, enquanto etapa do desenvolvimento, envolve novos desafios, sejam relacionados aos diferentes contextos nos quais os idosos estão inseridos, sejam mudanças geradoras de perdas potenciais. Uma das implicações da velhice é a redução da capacidade funcional dos idosos, que pode afetar de forma progressiva sua funcionalidade, sua independência, gerando dificuldade de locomoção, perdas e/ou restrições para o desempenho

de atividades cotidianas (FERREIRA *et al.*, 2012). Os mesmos autores definem autonomia como estando relacionada à capacidade de agir, deliberar sobre a própria vida, de maneira a apresentar condições físicas e cognitivas que possibilitem a realização de atividade sem requerer ajuda de outros sujeitos.

Olhar para o processo de envelhecimento, em especial a velhice, a partir de uma categoria, significa tentar compreender suas diversificadas construções e os diferentes significados em volta da sua definição (LINDÔSO, 2018). Como expresso por Leite e Araújo (2017), ao falarmos de envelhecimento humano, estamos diante de uma questão complexa por tratar-se de um processo multifacetado e que não ocorre da mesma maneira para todos os indivíduos. Condições sociais e econômicas complexificam mais o fenômeno, nomeadamente as condições sócio-históricas, fazendo da velhice uma fase caracterizada por um processo e que culmina em modos diversos de experienciar, de ser velho/idoso.

Ao pensar o processo de envelhecimento, devemos ter em mente que ele está envolto em questões objetivas e subjetivas e ambas atravessam a vida do sujeito até a chegada da velhice. Portanto, essa fase da vida não pode ser pensada sem uma contextualização acerca de questões sócio-históricas, econômicas e políticas (ESCORSIM, 2021). É preciso considerar que não se trata de um processo único ocorrendo de igual maneira para todos os sujeitos envolvidos, mas que ele se distingue a partir das experiências vividas.

Neri e Fortes-Burgos (2009) destacam que fatores de natureza biológica, socioeconômica e intrapsíquica concorrem em paralelo para manutenção da funcionalidade do idoso e de seu bem-estar psicológico. Mesmo diante de adversidades pessoais e sociais, acredita-se que o idoso pode encontrar soluções para problemas cotidianos. Como expõe as autoras supracitadas, as apreensões sobre uma velhice bem-sucedida foram sendo repensadas com o passar dos anos, e a compreensão de que o envelhecimento bem-sucedido estaria associado à ausência de doenças, a funcionalidade e o engajamento social passa a ceder espaço ao entendimento de uma variedade de velhices. Ou seja, observa-se que estamos diante de diversificados modos de envelhecer.

Ademais, Magnabosco-Martins, Vizeu-Camargo e Biasus (2009) expõem que, em se tratando do conhecimento compartilhado a respeito do envelhecimento, percebe-se uma dificuldade em conceber esta etapa atrelada ao processo de desenvolvimento. Este “processo é pensado como uma etapa estanque da vida, a velhice, e objetificado na figura do velho, em contraposição ao termo mais positivo: idoso” (p.843). Autoras como Silva e Fixina (2018) mencionam que os significados produzidos pelos idosos estão perpassados por uma visão positiva e negativa, de modo que esse interjogo envolve o envelhecer bem, pautado pela

ausência de patologias e, na contramão, as dificuldades estariam relacionadas ao acometimento por alguma morbidade.

Todavia, apesar do interesse pelo envelhecimento não ter surgido com a modernidade, verifica-se que estamos cada vez mais motivados a encontrar estratégias a fim de alcançar um envelhecimento saudável, traçando metas que possibilitem garantir uma longevidade com ganhos e manutenção da funcionalidade, com menos sobrecargas para a sociedade e para aqueles que envelhecem (RIBEIRO, 2015; TOMAZINI, 2019). Por conseguinte, vem ocorrendo uma ampliação em estudos voltados para esse público e as diferentes transformações biopsicossociais vivenciadas no processo do envelhecimento (MONTEIRO; COUTINHO, 2020).

Neri (1995) destaca que, com o avanço dos meios científicos, foi possível diminuir a mortalidade infantil e encontrar cura para determinadas doenças que antes assolavam a infância e a vida adulta, tornando cada vez maior a expectativa de vida dos seres humanos. Além disso, fatores como: melhores condições socioeconômicas, desenvolvimento tecnológico e científico contribuem para qualidade de vida, influenciando o quantitativo de idosos (MARQUES; SIMÕES; ROSA; SILVESTRE, 2021).

2.1 Envelhecimento e memória

A memória, enquanto habilidade cognitiva, pode sofrer alterações com o processo de envelhecimento (SACRAMENTO; CHARIGLIONE; MELO; CÁRDENAS, 2021). Assim, ao longo do desenvolvimento, podem ocorrer alterações na redução da velocidade de processamento da informação, afetando o desempenho cognitivo, em especial a memória (CARVALHO; NERI; YASSUDA, 2010).

Evidências têm reportado a ocorrência de um declínio cognitivo durante essa fase da vida, estando este relacionado com alterações morfofuncionais em conexões neurais, acarretando redução na velocidade de condução nervosa, restrição das respostas motoras, lentificação de processos decisórios e prejuízos nas funções executivas (JACKSON *et al.*, 2012; LAMAR *et al.*, 2009; DE VITTA, 2000). Tais achados indicam que, com o envelhecimento, pode ocorrer decréscimo no número de células nervosas, podendo haver variações com uma mínima perda celular em uma região e prejuízos mais pronunciados em outras (CANÇADO; HORTA, 2002).

A memória pode ser definida, segundo Corso e Dorneles (2012), como um conjunto elaborado de processos cognitivos que relaciona o armazenamento temporário com o

processamento das informações recebidas. Ela também é compreendida como “um conjunto de procedimentos que permite manipular e interpretar o mundo, levando em conta o contexto atual e as experiências individuais, recriando esse mundo por meio de ações pessoais” (MASCARELLO, 2013, p. 44). Consideramos, portanto, que nossas memórias são oriundas das nossas vivências e lançamos mão desses conteúdos sempre que necessário.

Em termos da funcionalidade intrapsíquica, a memória é responsável pela aquisição, pela formação, pela conservação e pela evocação das informações (IZQUIERDO, 2014). Outrossim, pode ser classificada a partir de sua duração e função, como, por exemplo, a memória de trabalho, também chamada de memória operacional (MO), que pode ser definida como um conjunto elaborado de processos cognitivos que relaciona o armazenamento temporário (curto prazo) ao processamento das informações recebidas (CORSO; DORNELES, 2012).

Nessa esteira, é necessário salientar que memória operacional é um processo cognitivo que permite a retenção e a manipulação temporária de informação e exerce papel primordial diante da realização de tarefas, pois é capaz de focar em informações e anular estímulos distratores, fator crucial para o processamento cognitivo eficaz e para a realização de atividades diárias (GARRIDO *et al.*, 2019). Alterações na MO podem afetar a capacidade funcional dos indivíduos, causando restrições no desempenho de atividades diárias, dificultando o aprendizado, o raciocínio e a tomada de decisões imediatas, assim como alterações significativas em testes relacionados a tais habilidades (OWEN *et al.*, 2005 *apud* NARDI; VIEIRA; OLIVEIRA, 2013, ZINKE *et al.*, 2014; BORELLA *et al.*, 2017).

Com o processo de envelhecimento, a memória pode apresentar alterações em sua funcionalidade, sendo uma das possíveis justificativas para o desempenho reduzido de idosos diante de tarefas envolvendo memória, a presença de declínios em processos de atenção seletiva e o controle inibitório (HASHER, ZACKS, 1988; GAZZALEY *et al.*, 2005 *apud* BILLING; FINGER, 2016).

Para Mascarello (2013), as funções cognitivas não se resumem apenas à memória, elas relacionam-se a outras funções superiores, como atenção, percepção e ambas são perpassadas por manifestações externas ao indivíduo, seja emocional, seja atrelada ao estilo de vida. Do mesmo modo, variados fatores estão associados à maneira como os sujeitos envelhecem. A relação entre os diferentes contextos, características individuais e as interações estabelecidas pelos idosos são consideradas cruciais para o modo como eles envelhecem (BHERING; SARKIS, 2009).

Leibing (2006) explica que o tema “idoso e memória” apresenta um dilema para aqueles que envelhecem: por um lado existe o acúmulo de informações oriundo do tempo vivido e, do outro, a proximidade com as demências, com o esquecimento que os marcam e os delimitam. Ferreira (1998) apud Fernandes e Loureiro (2009) explicita que, em decorrência do esquecimento, o sujeito idoso pode se perceber como fragmentado, visto a perda de fatos relacionados a sua história pessoal, sua trajetória social e de suas relações grupais, associando-se à ideia de descolamento do mundo e dos significados sociais. Evidenciando uma relação entre a memória e a identidade social, através da inter-relação da memória pessoal e da memória social.

Em se tratando das falhas de memória, Fernandes e Loureiro (2009) chamam atenção para o fato das nossas memórias serem elaboradas a partir da junção entre o passado e o futuro no jogo da temporalidade. Ao se relacionar com a realidade, o indivíduo se encontra dentro de um tempo que o direciona para o futuro e o faz estabelecer possíveis novas maneiras de olhar para si. Ao mesmo tempo em que a idade sinaliza as rupturas e as diferentes transformações percebidas ao longo do processo de desenvolvimento, ela também se encontra atravessada pelas diversificadas experiências vividas ao longo do tempo (ZITTOUN, 2009). Destarte, o contato com nosso meio social pode sofrer interferência na medida em que esquecemos fatos e momentos importantes da nossa vida (MOURÃO JÚNIOR; FARIA, 2015).

Morando, Schmitt e Ferreira (2017) observaram que as queixas de memória estão atreladas diretamente à qualidade de vida, uma vez que podem interferir na relação de autocuidado, desempenho de atividades diárias, cuidado com a saúde e no estabelecimento de relações com outras pessoas, ou seja, comprometem a funcionalidade de atividades diretamente implicadas com mecanismos operacionais da memória.

Sacramento, Chariglione, Melo e Cárdenas (2021) notaram em estudo realizado com 110 idosos, entre 60 e 93 anos, que a memória operacional (MO) é afetada com o envelhecimento. Contudo, os mesmos autores chamam atenção para o fato desses idosos ainda apresentarem habilidades que os possibilita aprender coisas novas e usarem estratégias como suporte às dificuldades encontradas frente às alterações no desempenho da memória.

Logo, a memória não se resume apenas a sua capacidade enquanto estrutura anatômica. Como completa Silva (2018), não se pode resumi-la apenas a um local de armazenamento de informações, ela deve ser compreendida a partir de um processo construtivo que relaciona eventos do passado com o presente. Evidencia-se o caráter frágil da memória na medida em que está sujeita à diversidade de influências do meio externo. De

acordo com Nascentes (2004 *apud* Marinho, 2016), é por intermédio da memória que apreendemos o sentimento de pertencer ao meio social, é por ela que construímos significados da vida presente, do aqui-e-agora.

Izquierdo (1989) expõe que:

Quando se diz a palavra memória, a primeira que salta à evocação não é a memória das molas, dos discos ou dos computadores; é a memória das experiências individuais dos homens e dos animais, aquela que de alguma maneira se armazena no cérebro. Desde um ponto de vista prático, a memória dos homens e dos animais é o armazenamento e evocação de informação adquirida através de experiências; a aquisição de memórias denomina-se aprendizado. As experiências são aqueles pontos intangíveis que chamamos presente. (p.89).

Como expresso por Marinho (2016), à memória cabe o trabalho de selecionar e reconstruir, no presente, fatos do passado. Ao recordarem, os idosos passam pelo processo de reconhecimento de si através das lembranças do tempo vivido. Portanto, o autor expõe que a memória desses sujeitos é repleta de referências sociais estabelecidas durante a vida e, juntas, elas integram suas identidades. “Eu sou quem sou, cada um é quem é, porque todos lembramos de coisas que nos são próprias e exclusivas e não pertencem a mais ninguém” (IZQUIERDO, 2014, p. 15)

A memória presume uma temporalidade que tem como síntese a história vivida. A história vivida para alguns fica no arquivo, no registro oficial e no fato em si, para outros na lembrança, registrada em papel, fotografias, sentimentos, cartas, diários pessoais, registros de viagem, enfim, de muitas formas que as mantêm conservadas aguardando para ser relembradas. (SARTORI, 2018, s/p).

As mudanças cognitivas presentes em idosos sofrem influências de fatores que vão além de aspectos biológicos. A categorização funcional do idoso não depende apenas da idade, mas também de sexo, estilo de vida, saúde, fatores socioeconômicos e constitucionais, estando provado, assim, que não há homogeneidade em populações idosas (FECHINE; TROMPIERI, 2012). Posto isso, constata-se que precisamos repensar e desconstruir a compreensão de que o envelhecimento é sinônimo apenas de declínio, perda da capacidade mnemônicas e de aprendizagem (SACRAMENTO; CHARIGLIONE; MELO; CÁRDENAS, 2021).

As mesmas autoras acima esclarecem, além disso, que a sociedade constrói estereótipos sobre o processo de envelhecimento e a participação social do idoso, destacando possíveis incapacidades. Fato que pode interferir no entendimento desses sujeitos a respeito

dessa fase da vida. Para Neri (2006), os sujeitos significam determinados fenômenos a partir das crenças compartilhadas, construídas no contexto que estão inseridos, de modo que o sujeito idoso pode vir a acreditar, ao falar da velhice, na perda de competências e passar a aceitar tal fato como única verdade.

Como verificado por Almeida, Beger e Watanabe (2007) percebe-se, entre os idosos, uma desconstrução a respeito da associação entre as mudanças percebidas na memória com a chegada da velhice como sendo exclusiva dessa fase da vida, mas que “podem atuar sobre o seu processo de envelhecimento, imprimindo-lhe contornos próprios, e não sofrendo, simplesmente, os efeitos do mesmo” (p. 279). No mais, as autoras enfatizam que outros fatores da vida dos sujeitos atuam como determinantes sobre as capacidades de memória, assim como a apropriação dos idosos no tocante à forma como vivenciam sua existência.

É mister salientar, ainda, que autoras como Rondina e Dátilo (2010) chamam a atenção para um conceito que merece destaque ao falar de memória: meta-memória, definida pelas autoras como “um conjunto de conceitos, como o conhecimento do indivíduo sobre os processos de memória, o monitoramento da própria memória, sentimentos, emoções e autoeficácia para memória” (p. 5). Dito de outra forma, compreende-se que os idosos recebem influências de diversas partes e elaboram suas crenças, opiniões e significados sobre a memória, podendo essas interferências serem positivas ou negativas a depender da maneira como esses sujeitos avaliam suas funções mnemônicas no decorrer da passagem do tempo.

Outra questão relaciona-se à percepção que o idoso apresenta sobre sua própria memória. Sacramento, Chariglione, Melo e Cárdenas (2021) demonstram que o contexto no qual o idoso está inserido exerce influência sobre a construção de significados de memória. Os estigmas sociais a respeito da velhice, as cobranças e os apontamentos direcionados ao idoso, atreladas à maneira como lida com essas questões, podem favorecer uma percepção desfavorável, não só do ser velho, mas da eficácia de sua memória com o passar dos anos.

A percepção negativa da memória muito provavelmente não se justifica pela habilidade da memória propriamente dita, porém muito mais pelos paradigmas socioculturais que ainda estão atrelados de forma tão negativa à pessoa idosa e ao processo de envelhecimento. Isso porque as crenças e os estigmas mais negativos sobre a memória podem ser variáveis moduladoras importantes do desempenho, tais como o esforço despendido, motivação e uso de estratégias. (SACRAMENTO; CHARIGLIONE; MELO; CÁRDENAS, 2021, p. 8).

Posto isso, é perceptível, na sociedade contemporânea, uma desvalorização da memória dos idosos. De um lado, observa-se o aprimoramento dos meios de registros das

histórias, das informações do passado; de outro, existe uma depreciação dos testemunhos vivos, ou seja, dos eventos presentes na memória dos que chegaram à velhice (MARINHO, 2016). Percebe-se, na contemporaneidade, que o acesso a essa memória é pouco valorizado, assim como os saberes que eles desejam compartilhar com seus pares, indicando uma visão preconceituosa que atrela os velhos à inutilidade social. O interesse por essa memória contada e construída a partir das experiências vividas não se dá de igual maneira. Esses sujeitos apresentam o desejo em expor aquilo que o constitui e encontram, muitas vezes, falta de reciprocidade e ouvintes (BOSI, 1998). As narrativas trazidas pelos idosos tratam-se de histórias de vidas que sofreram transformações, alguns ajustes para se consolidarem como memórias e na medida que necessitam serem contadas (MEIHY, 2015).

Um verdadeiro teste para a hipótese psicossocial da memória encontra-se no estudo das lembranças das pessoas idosas. Nelas é possível verificar uma história social bem desenvolvida: elas já atravessaram um determinado tipo de sociedade, com características bem marcadas e conhecidas; elas já viveram quadros de referência familiar e cultural igualmente reconhecíveis: enfim, sua memória atual pode ser desenhada sobre um pano de fundo mais definido do que a memória de uma pessoa jovem, ou mesmo adulta, que, de algum modo, ainda está absorvida nas lutas e contradições de um presente que a solicita muito mais intensamente do que a uma pessoa de idade. (BOSI, 1998, p. 60).

Outra questão importante a ser compreendida a respeito da memória construída pelos idosos com o passar dos anos encontra-se no fato dela não ser apenas uma série de acontecimentos decorridos durante certo período, uma época, mas de uma consciência, por parte desses sujeitos a respeito das transformações subjetivas, sociais e de inúmeros atravessamentos suportados, com perspectivas de planejamento futuro (MARINHO, 2016). Como afirma Bosi (1998), nas lembranças de pessoas idosas, é possível verificar a presença de uma história social bem elaborada, pois esses sujeitos foram atravessados por diferentes movimentos sociais em diferentes fases da vida.

Sendo assim, a memória é percebida como um aparato capaz de subsidiar a construção da identidade, posto que se trata de pessoas que trazem consigo reconstruções das experiências vividas ao longo da trajetória de um tempo passado que diz sobre quem eles são no presente (MARINHO, 2016). Dito de outra maneira, a identidade do idoso é construída ao longo da vida e sua rede de apoio exerce papel primordial nessa construção e reconstrução, estando essa identidade do sujeito atrelada à maneira como ele interage com os demais e se percebe diante dessa interação (POLLAK, 1992). Como destacam Santos e Belo (2000), quando se fala de identidade na velhice, fala-se de histórias construídas a partir de

especificidades subjetivas e coletivas.

Ainda segundo Canabarro, Moser e Ernesto (2018), a memória de um grupo social está circunscrita por significados e representações elaboradas a partir das experiências subjetivas e de sua relação com o outro. Além disso, os autores argumentam ser importante para a formação do desenvolvimento da identidade de um determinado grupo esses estabelecimentos de vínculos socioculturais. Portanto, a memória nos oferece suporte para construção e reconstrução de identidade, em consonância com elementos grupais, sociais.

Nessa linha de raciocínio, Rondina e Dátalo (2010) evidenciam o crescente interesse em investigações no âmbito da relação entre memória e envelhecimento, tendo por base a produção de estratégias voltadas para melhoria da qualidade de vida, compreensão dos processos de memorização e esquecimento, estabelecimento de relações sociais, destacando também que a memória tem sido um dos processos cognitivos de maior relevância entre os estudos que se propõem a avaliar as implicações oriundas do envelhecimento.

Ademais, ao estudar a memória e o processo de envelhecimento, devemos considerar que ambos os objetos estão circunscritos por diferentes variáveis que devem ser consideradas frente a complexidade dos indivíduos (VILAR; AMORIM, 2016). Assim, tendo como objetivo refletir sobre os diferentes significados construídos pelos idosos acerca da memória, escolheu-se o suporte teórico da Rede de Significações (RedSig) como ponto de partida e fundamentação para subsidiar as reflexões desta dissertação.

2.2 Rede de Significações - RedSig

Assim como outras perspectivas teóricas de base interacionista, a Perspectiva Teórico-metodológica da Rede de Significações - RedSig, pressupõe que o desenvolvimento humano ocorre apoiado nas interações estabelecidas ao longo da vida. Em se tratando da velhice, portanto, situa-se como uma etapa da vida e deve ser analisada de modo indissociável dos processos biológicos, sociais e culturais.

A RedSig se estabelece perpassada por inúmeras transformações, tanto a partir do pensamento das suas fundadoras quanto da forma de fazer pesquisa e pensar o desenvolvimento humano. Lançando mão da metáfora de rede para dar conta das inúmeras possibilidades de existência humana presentes no desenvolvimento e dos diferentes cenários, no qual as pessoas se encontram imersas e se configuram ao longo do seu ciclo vital (ROSSETTI-FERREIRA; AMORIM; SILVA, 2004). Constitui-se a partir de uma visão sócio-histórica, o que, para Freitas (2002), apresenta-se como opção interessante em se

tratando de estudos de metodologias qualitativas por possibilitar que características muito próprias dos sujeitos sejam impressas no estudo. Além disso, fundamenta-se em pressupostos teóricos e estudos empíricos no campo da Psicologia do Desenvolvimento, tendo como principais pensadores Vygotsky, Wallon, Valsiner e Bakhtin. Na medida em que se foi delineando, essa perspectiva foi assumindo orientações mais variadas, passando a contar também com autores da Psicologia Social (ROSSETTI-FERREIRA; AMORIM; SILVA, 2004).

Tal perspectiva chama atenção para a importância das interações que estabelecemos ao longo da nossa existência, assim como para a construção dos significados, dos sentidos designados a esse processo (ROSSETTI-FERREIRA; AMORIM; SILVA, 2004). É “nas relações entre as palavras e as expressões, em conjunto com as referências sutis do mundo, constituir-se-ia a esfera do significado, na qual até o não dito exerce influência” (CORREIA, 2013, p. 510). Para tanto, a RedSig apresenta elementos importantes que estariam relacionados ao processo de desenvolvimento do ser humano; são eles: a pessoa, os contextos, as dimensões temporais e a matriz sócio-histórica.

No que se refere à utilização do termo pessoa, torna-se necessário explicitar que seu emprego relaciona-se ao processo de co-construção pessoa-meio, ou seja, é através do outro que me estabeleço e o outro também se constitui nesse processo. O processo de construção das identidades, seja ela pessoal ou grupal, fundamenta-se nesse interjogo e ocorre ao longo da vida (ROSSETTI-FERREIRA; AMORIM; SILVA, 2004). Para que o processo de desenvolvimento de uma pessoa ocorra, é preciso a existência de interação e estabelecimento de relações de reciprocidade e apego que possam, preferencialmente, ser estendidas por longos períodos (BHERING; SARKIS, 2009).

Já os contextos não devem ser considerados “nem como panos de fundo” nem como fatores determinantes, mas como um espaço onde as pessoas vivenciam suas experiências e constroem significados (ROSSETTI-FERREIRA; AMORIM; SILVA, 2004, p. 29). São interpretados a partir da ideia de meio proposta por Wallon (1986 apud ROSSETTI-FERREIRA; AMORIM; SILVA, 2004), que destaca o emprego do termo relacionado ao ambiente e, ao mesmo tempo, a condição e o instrumento. Os múltiplos contextos, interações sociais é o espaço onde as pessoas vivenciam suas experiências, circunscreve seu processo de desenvolvimento e o do outro (VILAR; AMORIM, 2016). Dessa maneira, ele pode ser definido apenas em paralelo com a função da pessoa ou do grupo de pessoas que cerceia, que, por sua vez, têm competências, interesses e objetivos num determinado momento sócio-histórico (ROSSETTI-FERREIRA; AMORIM; SILVA, 2004). Como já dito, as relações

pessoa-meio são compreendidas como mutuamente constitutivas, ou seja, os contextos atuam “como circunscritores à medida em que se combinam a fatores da história de vida de cada pessoa, favorecendo, assim, a reconstituição, a perda e a manutenção de vínculos” (VILAR; AMORIM, 2016, p.10).

Em relação às dimensões temporais, o percurso de cada sujeito deve ser pensado de modo indissociável a partir de processos interativos estabelecidos em contextos diversos, isto é, cada sujeito experiencia de diferentes maneiras suas vivências em sua própria temporalidade (AMORIM; ROSSETTI-FERREIRA, 2004).

Ao pensar o processo de desenvolvimento humano e a RedSig, Rossetti-Ferreira; Amorim e Silva (2004) chamam atenção para as dimensões temporais, destacando que se trata de um processo que ocorre de maneira inseparável. As autoras pressupõem a existência de quatro dimensões temporais que estariam interligadas neste processo, a saber: tempo presente, vivido, histórico e tempo de orientação futura.

A primeira, chamada de tempo presente, relaciona-se a questões oriundas do aqui-agora da vida dos sujeitos, interpelando a presença de uma história vivida, mas que estaria atuante no momento presente, constatando-se a multitemporalidade da existência humana (ROSSETTI-FERREIRA; AMORIM; SILVA, 2004). Já o tempo vivido, relaciona-se às diferentes experiências que estabelecemos ao longo da vida durante o processo de socialização com diferentes pares e contextos. Enquanto o tempo histórico, também compreendido como tempo cultural, pode ser entendido através da inserção por períodos mais longos em um meio cultural, ou seja, “compõem o interdiscurso ou rede coletiva de significações disponíveis para as pessoas darem sentido aos vários fenômenos de nosso mundo” (p.32). Por fim, o tempo prospectivo que dita a respeito de questões individuais e coletivas e se estrutura a partir dos desejos reflexões, atitudes e representações individuais e coletivas interagindo no momento atual da vida dos sujeitos.

Concernente à matriz sócio-histórica, considera-se como sendo atravessada por elementos diversos, desde questões sociais, políticos, culturais e ambos em constante interação (AMORIM; ROSSETTI-FERREIRA, 2004). As autoras argumentam que a matriz sócio-histórica fundamenta-se em uma natureza semiótica, interessada no momento atual da vida do sujeito, o aqui-agora. Retratam e abrangem contextos específicos de uma determinada comunidade e o domínio dos símbolos e seus significados. Elas reforçam que sua materialidade se encontra na organização de práticas cotidianas e nos discursos direcionados a um grupo e/ ou a um contexto específico, nesse caso podemos destacar os argumentos a respeito da memória atrelada à velhice.

Rossetti-Ferreira, Amorim e Silva (2004) destacam que a RedSig, além de permitir o estabelecimento de diferentes relações e elementos diversos, visa atender microdimensões e macrodimensões numa perspectiva evolutiva e histórica, de modo que o processo de desenvolvimento estaria permeado por contradições, conflitos e ou discordâncias e que tais questões fazem parte do sujeito e auxiliam a compreensão dos fenômenos.

Com ela, busca-se superar falsas polaridades entre biológico / natural e social, universalidade e singularidade, permanência e ruptura, determinismo e indeterminismo, emoção e cognição, corpo e mente, interno e externo, semiótico e concreto, sujeito autônomo ou assujeitado, de maneira a tratá-los sempre de forma integrada. (ROSSETTI-FERREIRA; AMORIM; SILVA, 2004, p. 20).

Para compreensão dos processos de desenvolvimento dos indivíduos, é preciso considerar que suas ações estarão circunscritas pelo ambiente e que cultura e organismo atuam em sincronia na sua construção (CORREIA, 2013). Seria nesse processo de interação que os sujeitos constroem significados e os expressam em seu cotidiano, de modo a participar de maneira significativa com seu curso de vida e dos demais sujeitos que partilham do seu entorno (AMORIM; ROSSETTI-FERREIRA, 2004). Podemos, então, dizer que existe uma relação direta entre o nosso processo de desenvolvimento e o desenvolvimento daqueles que estão ao nosso redor.

Vale ressaltar, outrossim, que o entendimento da RedSig sobre os diferentes papéis sociais que assumimos ao longo da nossa vida está atrelado diretamente ao pensamento de teóricos do desenvolvimento humano que subsidiam sua visão de sujeito, permitindo diferentes diálogos em relação ao objeto investigado, além de dialogar com referenciais teóricos que oferecem visão conspectiva, estrutural do sistema de investigação (ROSSETTI-FERREIRA; AMORIM; SILVA; OLIVEIRA, 2008). É preciso considerar as diferentes adversidades que se relacionam para construção da subjetividade do sujeito, nenhuma delas estática ou predeterminada.

Ademais, ao analisarmos os processos de desenvolvimento, precisamos refletir a respeito dos lugares onde esses movimentos ocorrem sem esquecer da existência de uma relação espaço-temporal em torno das peculiaridades dos diferentes eventos vivenciados pelos sujeitos. Infere-se que tanto o tempo quanto o local onde os eventos acontecem se apresenta como inseparável (ROSSETTI-FERREIRA; AMORIM; SILVA, 2004). Acerca disso, Bourdieu (2013) afirma que devemos atentar para o fato de que os seres humanos são, simultaneamente, indivíduos biológicos e agentes sociais que são constituídos pela relação

com o espaço social/meio social. Latoski e Nogueira (2021) expõem que nossas ações são influenciadas pelas dimensões temporais, pelo modo como nos apropriamos dos espaços, interagimos com ele e pelas vivências individuais e coletivas.

Para tanto, ao se avaliar o processo de envelhecimento, devemos ter em mente que as mudanças vivenciadas na velhice devem ser entendidas a partir de um processo perpassado por outras fases, oriundas de diferentes transformações, interações que ocorreram em um tempo, em um percurso temporal. Ao mesmo tempo em que a idade sinaliza as rupturas e as diferentes transformações percebidas ao longo do processo de desenvolvimento, ela também se encontra atravessada pelas diversificadas experiências vividas ao longo do tempo (ZITTOUN, 2009). Expresso, de outra forma, que, ao se olhar para essa fase da vida, deve-se entender que ela se dá de forma variada e que, para explicar e compreender esse fenômeno, precisa-se caracterizar as diferentes formas, significados, tendo em mente que nenhum elemento isolado pode explicá-lo por tratar-se de um fenômeno multicausal (ROSSETTI-FERREIRA; AMORIM; SILVA; OLIVEIRA, 2008). Marcadores cronológicos se apresentam como sinalizadores das diversas mudanças, principalmente em relação às expectativas traçadas para o futuro, causando incertezas. As expectativas relacionadas ao futuro começam a adquirir novas dimensões, principalmente em relação às mudanças percebidas com o passar dos anos e a chegada à velhice.

No que compreende a relação da memória e o processo de envelhecimento, a produção de conhecimento acerca de tais objetos vem ganhando importância, pois é por meio da memória que os indivíduos se identificam diante do grupo. Essa identificação passa por constante familiarização do sujeito ou do grupo ao que lhe é estranho. Sá (2007) pontua que a memória não é apenas uma estrutura capaz de reproduzir experiências passadas, ela também é uma construção social, atrelada ao presente e amparada pelos recursos advindos do contexto sociocultural, no qual o sujeito esteja inserido.

Rossetti-Ferreira, Amorim, Silva e Oliveira (2008) explicitam que, ao buscar uma compreensão dos processos de desenvolvimento psicológico do sujeito, a partir da perspectiva teórica da rede de significações, deve-se ter em mente que esses processos estão circunscritos por um sistema e que é preciso buscar entendê-lo não de forma isolada, mas a partir da noção de relação pessoa-meio, dos diferentes espaços e de como se estabelecem dentro desses sistemas. Em se tratando das rupturas observadas, elas não são as únicas motivações que circunscrevem as mudanças ocorridas ou até mesmo possibilitem o desenvolvimento. Enquanto seres humanos, desenvolvemo-nos por meio de uma alta variedade de trajetórias de

curso de vida e, portanto, somos capazes de demonstrar notável flexibilidade ao nos relacionamos com o ambiente (ZITTOUN, 2009). O próprio processo de desenvolvimento ocorre por meio de ajustes entre a pessoa e seu ambiente, na medida em que a vida vai seguindo seu curso.

Para tanto, a presente pesquisa propõe discutir a respeito dos significados atribuídos à memória e pensar como a influência da rede de relações sociais podem interferir diretamente na regulação de fenômenos importantes que ocorrem na trajetória do curso de vida dos idosos. Ao entrevistar pessoas idosas, com idades diferentes, em espaços diversos e de peculiaridades subjetivas, o estudo fomenta subsídios para pensar os diversificados modos de produção de significados em torno de um mesmo objeto.

3 OBJETIVOS

3.1 Geral

Compreender os diferentes significados atribuídos à memória por idosos residentes em um cidade do interior da Zona da Mata Norte de Pernambuco.

3.2 Específicos

- Analisar a construção de significados sobre falhas de memória para pessoas idosas;
- Investigar estratégias compensatórias utilizadas pelos idosos frente às possibilidades de esquecimento;
- Identificar semelhanças e variações nos significados que os idosos produzem sobre o processo de envelhecimento e a memória.

4 MÉTODO

A partir dos objetivos propostos para esse estudo, utilizou-se a abordagem qualitativa, pois buscou-se entender questões oriundas da realidade social do idoso referentes aos significados atribuídos à memória, diante de aspectos da realidade que não podem ou não deveriam ser quantificados (MINAYO, 2017). Em se tratando da pesquisa qualitativa, destaca-se a relação entre o pesquisador e aquilo que está sendo pesquisado, uma vez que ambos se atravessam durante o processo de elaboração. “A realidade é construída em conjunto entre pesquisador/a e pesquisado/a por meio das experiências individuais de cada sujeito” (PATIAS; HOHENDORFF, 2019, p. 3).

Um sujeito que só pode ser compreendido como relação dialógica e contextualizada entre objetividade e subjetividade, não podendo ser reduzido a nenhuma dessas dimensões. Como síntese inacabada revela suas perspectivas e seu ineditismo na relação entre significações e ações, na singularização do coletivo, emocionalmente afetado pelas suas relações com o mundo. (ARAÚJO; OLIVEIRA; ROSSATO, 2016, p. 6).

Por intermédio da pesquisa qualitativa, é possível realizar uma análise interpretativa/inferencial, não tendo como objetivo quantificar os dados obtidos. Araújo, Oliveira e Rossato (2016), ao referirem-se à pesquisa qualitativa, pontuam que uma peculiaridade desse método se relaciona ao modo como se interpreta e compreende os dados, não se resumindo apenas a uma explanação da realidade. Os mesmos autores argumentam, ainda, que a determinação sob a natureza de uma pesquisa estaria diretamente ligada à elaboração do problema e ao objeto que se propôs estudar. Desse modo, os caminhos para realização da pesquisa qualitativa são amplos e se delineiam a partir dos desdobramentos do estudo (GODOY, 1995).

4.1 Local da pesquisa

A presente pesquisa foi realizada na cidade de Buenos Aires/PE, localizada a 79 km de distância da capital Pernambucana, com uma população estimada em 13.224 habitantes (IBGE, 2021). Inicialmente chamada de Jacu, Buenos Aires teve suas terras povoadas a partir do século XVIII, devido ao seu potencial para agricultura, em meio ao clima seco da Zona da Mata Norte. O destaque da agricultura local está no plantio de cana-de-açúcar, que contribui

de forma significativa para economia do município (PREFEITURA MUNICIPAL DE BUENOS AIRES, 2021; IBGE, 2020).

A cidade passou a ser chamada pelo nome atual em 1928 ao alcançar a posição de vila. Mais tarde, a partir da promulgação da Lei Estadual nº 4970 de 20 de dezembro de 1963, emancipou-se de Nazaré da Mata, cidade vizinha, tornando-se município (PREFEITURA MUNICIPAL DE BUENOS AIRES, 2021; IBGE, 2020).

Buenos Aires possui, além do distrito sede, os povoados de Lagoa do Outeiro, Chã de Mautês, Chã das Mulatas e Canafístula (PREFEITURA MUNICIPAL DE BUENOS AIRES, 2021). Segundo informações da Secretaria de Saúde do município (2021), o quantitativo de idosos presentes na localidade com idade a partir de 60 anos é de 2.291 de ambos os sexos. O mesmo órgão também ressaltou que 16 idosos (8 homens e 8 mulheres) vieram a óbito devido a complicações oriundas da contaminação da Covid-19 no período de abril de 2020 a março de 2021.

A escolha da cidade mencionada se deu devido ao atual cenário pandêmico da Covid-19, dado que a pesquisadora é residente da cidade e possuía fácil acesso aos potenciais participantes. A princípio, tínhamos a pretensão de realizar a pesquisa com idosos residentes na cidade do Recife e vinculados a programas voltados para pessoas idosas da Universidade Federal de Pernambuco. Quanto ao local de coleta, foi acordado com cada sujeito da pesquisa, levando-se em consideração sua disponibilidade e medidas de segurança.

Figura 1 - Foto da praça localizada na área central da cidade de Buenos Aires/PE



Fonte: Prefeitura Municipal de Buenos Aires, 2021.

4.2 Participantes

Tendo em vista nosso cenário atual e o fato de os participantes deste estudo estarem classificados como pertencentes ao grupo de risco para contágio da Covid-19, utilizou-se, para seleção dos participantes, a técnica de amostragem “bola de neve” (VINUTO, 2014). Tal técnica caracteriza-se pela presença de um informante inicial (chave), seguida de indicações de outros membros por parte dos próprios participantes da pesquisa, tendo por base sua rede pessoal. A partir dos critérios de inclusão e exclusão estabelecidos para este estudo, participaram 8 idosos com idades entre 67 e 101 anos (M: 79; DP: 12,5).

Dentre os participantes, 5 foram do sexo feminino e 3 masculinos, sendo 4 residentes na zona rural e 4 na zona urbana. Referente ao estado civil, 6 participantes declaram-se viúvos (as), 1 divorciado e 1 casado. Quanto ao Nível de Escolaridade, 4 idosos afirmaram possuir Ensino Fundamental Incompleto (EFI), 2 expuseram saberem apenas assinar o nome e 2 mencionaram não terem recebido nenhum grau de escolarização. Dentre os participantes, todos possuíam filhos, variando entre 5 e 12 filhos. No que diz respeito à religião, 2 idosos expuseram ser evangélicos, 5 católicos e 1 não quis definir uma religião, declarando frequentar todas. Quatro idosos declararam residir com filhos, os demais moravam sozinhos ou com cuidadores. Tais informações podem ser verificadas no quadro a seguir.

Quadro 1 - Perfil dos participantes da pesquisa

Nome	Idade	Escolaridade	Estado Cível	Filhos	Religião	Residente
Severina	67 anos	EFI	Viúva	5	Católica	Zona Urbana
Maria	84 anos	EFI	Viúva	5	Católica	Zona Urbana
Carmen	76 anos	EFI	Viúva	7	Não possui	Zona Urbana
Manoel	66 anos	Alfabetizado	Casado	6	Católico	Zona Rural
Margarida	101 anos	Não estudou	Viúva	12	Evangélica	Zona Rural
Luiza	82 anos	Alfabetizada	Viúva	5	Católica	Zona Rural
João	90 anos	Não estudou	Viúva	7	Católico	Zona Rural

Antônio	67 anos	EFI	Divorciado	9	Evangélico	Zona Urbana
---------	---------	-----	------------	---	------------	-------------

*Os nomes dos idosos foram substituídos por nomes fictícios.

4.3 Critérios de inclusão e exclusão

Inclusão: (I) idade a partir de 65 anos; (II) não possuir diagnóstico de doenças crônicas demenciais, (III) não apresentar transtornos psiquiátricos, estabelecidos pelo DSM-V (Diagnostic and Statistical Manual of Mental 44 Disorders- V edition), (IV) tenha recebido as duas doses da vacina contra Covid-19¹. Vale destacar que os critérios (II) e (III) foram verificados junto ao informante chave a Secretaria de Habitação e Assistência Social, visto que tal órgão possuía registros com informações pessoais e quadro de saúde dos grupos de idosos acompanhados pelo serviço, para facilitar possíveis encaminhamentos e direcioná-los com mais precisão para outros serviços quando necessário. Além dessas características, os idosos precisaram concordar em participar da pesquisa e assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Exclusão: Idosos que, mesmo possuindo as características dos participantes, apresentaram deficiência auditiva não corrigida.

4.4 Instrumentos e materiais para coleta de dados

Para construção dos dados, foram utilizados um questionário sociodemográfico (Apêndice A) com informações pessoais e clínicas para melhor descrição da população e uma entrevista semiestruturada com perguntas abertas e fechadas. O roteiro de entrevista (Apêndice B) abarcou questões subjetivas referentes à memória, esquecimento, atividade diária e à história de vida dos participantes.

A entrevista semiestruturada, caracteriza-se por apresentar um roteiro com perguntas elaboradas anteriormente à coleta de dados, mas tal fato não exclui a possibilidade do entrevistador manejar a conversa direcionando ao que pretende pesquisar/compreender em relação ao objeto (MINAYO; COSTA, 2018). As autoras expõem que essa modalidade de entrevista oportuniza reflexões entre o entrevistador e pontos indicados pelos participantes do estudo.

¹ A coleta dos dados foi realizada entre setembro e outubro de 2021, período que antecedeu a dose de reforço da vacina contra Covid-19.

O uso do método entrevista torna-se a estratégia mais adequada para “construir” os dados descritivos na linguagem do próprio sujeito no ato da mesma. Em investigação científica, todo o contexto do processo é fundamental quando se deseja mapear práticas, crenças, valores e sistemas classificatórios de universos sociais específicos, mais ou menos bem delimitados, em que os conflitos e contradições não estejam claramente explicitados. (ZANETTE, 2017, p.162)

Minayo e Costa (2018) destacam que a entrevista enquanto instrumento de coleta de dados, caracteriza-se por ser uma técnica amplamente utilizada em pesquisas de abordagem qualitativas, que obtém, por meio da interlocução verbal, conhecimento a respeito do objeto estudado. Direciona-se à obtenção de elementos relacionados à realidade do próprio sujeito, de natureza subjetiva.

Embora, ao realizar-se uma entrevista, os dados sejam oriundos da voz dos sujeitos entrevistados, não se pode esquecer que essas falas estão perpassadas por um período histórico, uma cultura e retratam a realidade do grupo estudado (ZANETTE, 2017).

4.5 Procedimentos de coleta de dados

O contato inicial com os sujeitos da pesquisa se deu a partir de um informante-chave, que, em seguida, indicou outros contatos, tendo por base sua rede pessoal. Antes de iniciarmos com os sujeitos elegíveis, a partir dos critérios de inclusão e exclusão, foi realizada a leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, explicados os objetivos, os riscos e os benefícios. Os idosos que aceitaram participar, após assinatura do TCLE, foram informados que iriam responder a algumas perguntas feitas pela pesquisadora e, caso não desejassem responder a alguma, ou parar a qualquer momento, poderiam fazer isso sem nenhuma penalidade.

Após esse momento inicial, foi aplicado um questionário sociodemográfico para obter informações pessoais e uma melhor caracterização da população. Em seguida, foi realizada a entrevista semiestruturada. As entrevistas aconteceram em dias e horários previamente agendados, em local escolhido pelo próprio participante, de maneira individual, tendo todas as medidas sanitárias respeitadas para dirimir possíveis contágios pelo vírus da covid-19. As questões contempladas no roteiro de entrevista estavam relacionadas à memória, ao esquecimento, a atividades da vida diária e a fatos ligados às vivências dos idosos em outras fases da vida. As perguntas foram abordadas a partir da fala dos sujeitos, não seguindo necessariamente uma sequência.

Vale ressaltar, por conseguinte, que as informações coletadas foram audiogravadas e transcritas logo após sua realização, com exceção dos questionários sociodemográficos, que foram registrados em papel, além de digitalizados.

4.6 Procedimentos de análise dos dados

Considerando o objetivo principal deste estudo, optou-se por realizar uma Análise Temática de Conteúdo que, segundo Bardin (2016), pode ser definida metodologicamente como um conjunto de técnicas de análise da comunicação oral que lança mão de esquemas de descrição do conteúdo de mensagens. Tal técnica foi escolhida por a considerarmos como instrumento que oferecia subsídios para analisar a construção de significados e sentidos atribuídos a determinados objetos através de dados obtidos por meio de conversação (CARDOSO; OLIVEIRA; GHELLI, 2021).

De acordo com Bardin (2016), a análise temática de conteúdo obedece a algumas etapas de organização, interpretação e análise dos dados. A primeira delas, a pré-análise, consiste na determinação dos documentos que serão analisados, ou seja, é feita a organização inicial dos dados coletados através de leitura do material, seleção dos documentos que serão usados e elaboração de objetivos e hipóteses que possibilitam uma ordenação, estabelecendo uma organização para dar-se início a exploração dos dados. Em seguida, é realizada a exploração do material, passado o momento de pré-análise, e tendo suas etapas sido realizadas corretamente, os dados começaram a ser codificados, construindo-se categorias condizentes com o tipo de análise que será realizada.

Na fase de tratamento dos resultados, os pesquisadores devem se debruçar sobre os dados obtidos, buscando interpretá-los, realizando inferências respaldadas em um referencial teórico (BARDIN, 2016). Podem, inclusive, utilizar análise estatística para verificar a validade dos resultados obtidos. Ao realizar a análise, é importante seguir a regra da *objetividade* ao eleger os critérios norteadores para exploração do material, de modo que, outros pesquisadores possam ser capazes de replicar a mesma categorização, ao utilizar os mesmos parâmetros (OLIVEIRA, 2008).

Em se tratando da categorização das unidades de significações, podem ser compreendidas como ação de organizar elementos integrantes de um agrupamento por distinção e, após, reorganizar segundo “o gênero (analogia), com os critérios previamente definidos” (BARDIN, 2016, p. 147). A princípio, é feita a discriminação dos componentes

que se destacam e, em seguida, eles são agrupados formando as categorias que serão analisadas.

Dentre as possibilidades de utilização da técnica de análise de conteúdo, recorreremos à análise categorial ao considerar o número de repetições de unidades de sentidos presentes no corpo dos textos analisados a partir dos objetivos propostos (OLIVEIRA, 2008). Efetuamos, posteriormente, a categorização, por intermédio da classificação temática, resultando em categorias compartilhadas pelos idosos. Assim, os sujeitos foram codificados um a um, averiguando os temas comuns, expressões ou palavras significativas que apareciam imersos nos conteúdos analisados. Em relação à definição das categorias de análise, optamos pela categorização não apriorística (CAMPOS, 2004), isto é, os temas de cada categoria foram emergindo a partir da leitura do material analisado e dos objetivos do estudo.

Durante o processo de análise, verificamos que alguns componentes poderiam ser alocados em mais de uma das categorias construídas, o que, para Bardin (2016), segundo o critério da *exclusão mútua*, deixaria a desejar em relação à qualidade das categorias formulada, de modo que, visando responder ao critério, mas sem deixar de lado as peculiaridades de cada categoria, foi adotado o destaque dado pelos sujeitos ao proferir certos conteúdos, como critério para justificar a colocação de certas unidades de registros em um tema e não em outro, resultando em seis categorias.

Após essa organização, foi possível reconhecer os temas que compõem e são significativos em cada categoria, de modo a possibilitar a descrição dos resultados que serão apresentados no próximo capítulo.

4.7 Aspectos Éticos

Os dados só foram coletados após aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFPE. Os participantes da pesquisa poderiam abandonar o estudo a qualquer momento, sendo assegurada a confidencialidade dos dados coletados. As informações serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas, não havendo identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo. A pesquisa respeitou os princípios éticos para pesquisa em seres humanos estabelecidos na Declaração de Helsinque em sua última versão (10/2013) e nas resoluções nº 466/12 e 510/16 do Conselho Nacional de Saúde – Ministério da Saúde, sendo aprovada pelo Comitê de Ética da UFPE, sob o parecer CAAE 48003521.1.0000.5208.

Referente ao cenário atual, foram adotados protocolos gerais e específicos de segurança baseados em distanciamento social, higiene e comunicação de possível quadro gripal ou indisposição com antecedência para evitar o contágio pela Covid-19. No mais, antes da coleta se iniciar, a pesquisadora realizou a testagem para verificar se não estava contaminada pela Covid-19, além de certificar-se com algum familiar do idoso ou com o próprio idoso indicado se ele já teria recebido as duas doses da vacina contra a Covid-19.

A pesquisa não ofereceu risco à integridade física de qualquer um dos participantes, porém alguns idosos apresentaram certo desconforto associado às perguntas sobre memória e esquecimento, ligando a velhice às dificuldades de memória e expondo perceber, a partir da entrevista, o quanto a sua memória estaria diferente, comparada a anos anteriores. Como benefício, tendo em vista a formação enquanto psicóloga, foi oferecida uma escuta acolhedora, especializada e respaldada por um conhecimento técnico-científico.

Por solicitação do Comitê de Ética, todo o material oriundo do presente estudo será arquivado em formato digital e impresso de forma a garantir acesso restrito aos pesquisadores envolvidos e será guardado nas dependências do Laboratório de Interação Social Humana (LABINT – UFPE), situado na Av. Acadêmico Hélio Ramos, s/n – Cidade Universitária – Recife – PE - CEP 50670-901 (9º andar do CFCH – Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFPE) sob a responsabilidade dos pesquisadores responsáveis, tendo sua guarda mantida por cinco anos, quando será incinerado.

O contato inicial com os sujeitos da pesquisa se deu a partir de um informante-chave, que, em seguida, indicou outros contatos, tendo por base sua rede pessoal. Antes de iniciarmos com os sujeitos elegíveis, a partir dos critérios de inclusão e exclusão, foi realizada a leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, explicado sobre objetivos, riscos e benefícios. Os idosos que aceitaram participar, após assinatura do TCLE, foram informados que iriam responder algumas perguntas feitas pela pesquisadora, caso não desejassem responder alguma ou parar a qualquer momento, poderiam fazer isso sem nenhuma penalidade.

Após esse momento inicial, foi aplicado um questionário sociodemográfico para obter informações pessoais e uma melhor caracterização da população. Em seguida foi realizada a entrevista semiestruturada. As entrevistas aconteceram em dias e horários previamente agendados, em local escolhido pelo próprio participante, de maneira individual, tendo todas as medidas sanitárias respeitadas para dirimir possíveis contágios pelo vírus da covid-19. As questões contempladas no roteiro de entrevista, estavam relacionadas à memória, esquecimento, atividades da vida diária e fatos ligados às vivências dos idosos em outras fases

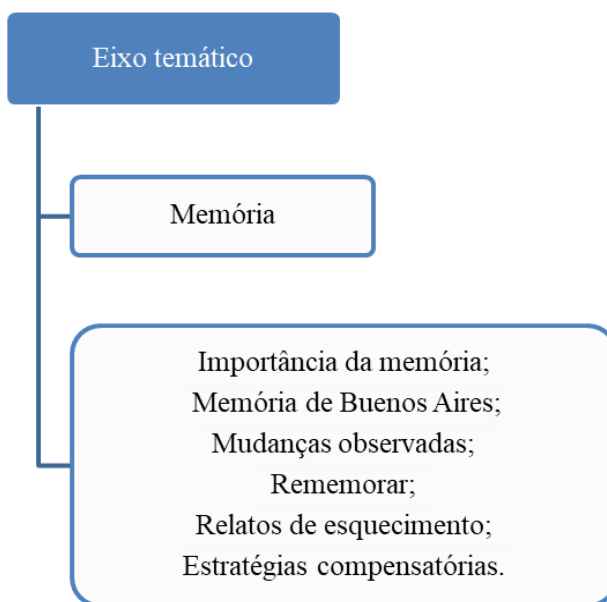
da vida. As perguntas foram abordadas a partir da fala dos sujeitos, não seguindo necessariamente uma sequência.

Vale ressaltar que as informações coletadas foram audiogravadas e transcritas logo após sua realização, com exceção do questionário sociodemográfico que foram registradas em papel, além de digitalizados.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados apresentados neste capítulo foram obtidos a partir da realização de entrevista semiestruturada com idosos residentes no município de Buenos Aires/PE. Foi realizada análise temática de conteúdo que suscitou em 6 categorias temáticas: *importância da memória; memória de Buenos Aires; mudanças observadas; lembrar; relatos de esquecimento e estratégias compensatórias*.

Quadro 2 - Unidades de significados



Fonte: elaborado por Taciana Dias, 2022

Mesmo tendo feito subdivisões dos conteúdos obtidos e analisados, percebe-se que eles não se distanciam uns dos outros, mas se completam, entrelaçam-se no traçado da vida daqueles que contam suas histórias e revivem sua memória, o que realça a importância de pensar a memória do ponto de vista da coletividade e das relações interpessoais. Como afirma Sá (2007), a memória não é apenas uma reprodução das experiências vividas, contudo uma

construção entre o passado e o presente amparada pelos recursos sociais, culturais de cada sociedade.

Lindôso (2018) enfatiza que, ao longo das nossas vidas, vamos estabelecer relações diversas que exigirá alterações comportamentais e até rever posicionamentos, de modo que, será preciso processar diferentes tipos de informações e cada uma terá sua especificidade e contribuirá de maneira diferente com a elaboração de nossas memórias, ou seja, como indivíduos, interagimos com diferentes contextos e, principalmente, com diferentes parceiros ao longo da vida, propiciando o acúmulo de conhecimentos diversos e a elaboração de variadas narrativas sobre as experiências vividas.

Em relação à memória, Aragão e Chariglione (2019) ressaltam que as experiências afetivas contribuem significativamente para consolidação dos registros do tempo vivido, pois quanto maior forem os aspectos emocionais atrelados ao fato vivido mais facilmente esses conteúdos serão acessados pelos idosos quando preciso. Além disso, os autores expõem que, para os idosos, a maneira como percebem a passagem do tempo estaria ligada diretamente às emoções desencadeadas pelas diversificadas experiências vividas ao longo da vida.

Como destacado pela RedSig, o processo de desenvolvimento do ser humano está perpassado por elementos importantes que em conjunto nos situam, constituem-nos e nos diferenciam. Estando estes relacionados ao processo de co-construção pessoa-meio, aos espaços em que vivenciamos e construímos significados, considerando o tempo, no qual cada sujeito experimenta suas próprias questões e os diferentes cenários (AMORIM; ROSSETTI-FERREIRA, 2004). Para tal, acredita-se no caráter discursivo que são argumentos elaborados e expressos de modo verbal pelos sujeitos de caráter semiótico que culminam na construção dos significados, dos sentidos designados ao processo de constituição humana e na importância das interações que estabelecemos ao longo da nossa existência (ROSSETTI-FERREIRA; AMORIM; SILVA, 2004).

Assim, as categorias apresentadas a seguir se instalam a partir dos conteúdos pensados e partilhados pelos idosos do estudo. Segundo Correia (2013), enquanto seres humanos, somos atravessados pelo contexto social e pela cultura que estamos imersos, e ambos se correlacionam para construção do sujeito.

5.1 Importância da memória

Nesta primeira categoria, foram destacadas questões relacionadas à importância dada à memória pelos idosos entrevistados. A memória, enquanto função cognitiva, assume um papel

primordial na vida das pessoas por sua capacidade de armazenar e evocar informações (LINDÔSO, 2018).

Vale ressaltar, ademais, que a memória não se resume apenas ao acúmulo de dados, trata-se também de um processo particular, na medida em que está atravessada por sentimentos, momentos vividos e fatos sociais, cercados de significados e elementos próprios adquiridos ao longo da vida (ALVES *et al.*, 2019). Desse modo, ela não pode ser compreendida como um processo estático e imutável por se tratar de um conjunto de eventos construídos com o passar dos anos (NAVA; KLAUCK, 2018).

Nada é tão precioso quanto as nossas memórias, as histórias individuais que estão imersas nas lembranças de cada sujeito e dita sobre quem são, onde e como viveram (MARINHO, 2016). Embora a velhice, enquanto fase da vida, seja considerada como indicativo para se avaliar a memória, percebe-se que outros elementos devem ser considerados ao se pensar a respeito desse objeto, como, por exemplo, as atividades diárias desempenhadas por tais sujeitos, relações sociais e familiares, contextos e escolaridade (ESPÍRITO-SANTO *et al.*, 2016).

De acordo com Callefi e Ichikawa (2019), ao estudar sobre memória, devemos ter em mente que as narrativas trazidas pelos sujeitos tratam-se de releituras das situações vividas e, não necessariamente, correspondem aos fatos exatos. Podemos inferir também que tais relatos apresentados são perpassados por significados próprios e selecionados por meio das emoções que essas memórias desencadeiam aos sujeitos.

Em se tratando dos idosos do estudo, observou-se que a memória representa não apenas um local, no qual se guarda lembranças boas e ruins, ela também assegura lembrar fatos, datas e pessoas importantes, assinalando o caráter afetivo das funções mnemônicas. Ao falar de memória, devemos ter em mente que não se trata apenas de um universo de lembranças e acontecimentos vividos, falamos também dos sentimentos que estão atravessados pela elaboração dessas memórias (CALLEFI; ICHIKAWA, 2019). Como expresso no trecho a seguir, o papel da memória não pode ser resumido a apenas armazenamento de dados, informações, ela possibilita um reconhecimento de si enquanto parte da sociedade, ao mesmo tempo que nos situam quanto aos diferentes espaços que ocupamos na relação com o outro.

Pra mim é muito importante porque tem coisa na vida que a gente deve lembrar, não é de coisa ruim, é de coisa boa, principalmente, lembrar da idade... eu sabia da idade dos meus irmãos. Eu tenho... todos foram, comigo

15. Meus 14 irmãos eu sabia a idade de cada um, sabia o dia do aniversário. (Severina, 67 anos).

Dentre os conteúdos analisados, percebeu-se que a memória também possibilita repassar aos seus descendentes costumes religiosos aprendidos ao longo da vida e considerados importantes para formação do sujeito. Reconhece-se que o idoso possui conhecimentos aprendidos no decorrer de suas experiências, histórias vividas, as quais tentam repassar aos mais jovens (BOSI, 1998). “A transmissão do conjunto de valores e significados de uma dada cultura é realizada por intermédio do processo de socialização dos mais velhos para os mais jovens” (MARINHO, 2016, p.121).

Eu penso assim, que tem muitas coisas que não estão dando mais importância, principalmente aquelas coisas de Deus. Tem que lembrar que Jesus Cristo é acima de tudo. Eu rezo direto aqui pra zelas ver, pra neto, pra menina de S. que passou o dia comigo ontem, pra todo mundo. Até agora eu não vi uma dizer que aprendeu, que aprenderam ainda. (Severina, 67 anos).

As transformações oriundas do processo de envelhecimento, e que são evidenciados na velhice, devem ser fonte de reflexão, porque esses sujeitos não podem ser apenas vistos pela ótica biológica, deve avaliar-se as contribuições advindas das trocas de experiências (NAVA; KLAUCK, 2018).

Ela é muito importante, é. Uma coisa que é importante e eu não esqueço é o tempo de convivência com a minha mãe, meu pai, com a minha família, entendeu!? Também, que a gente não pode esquecer aquilo que Deus dá a gente, né. Porque pra mim ela é tudo na minha vida, amo as minhas filhas Deus sabe que eu não tô mentindo, amo até demais. (Antônio, 67 anos).

Verificou-se que lembrar dos vínculos afetivos era algo importante para alguns idosos por significar não apenas saber sobre suas origens, mas manter vivo o sentimento afetivo presente nelas. Ambas as relações fazem parte da construção desses sujeitos e ditam também sobre as diferentes fases de suas vidas e, por que não, das diferentes fases do seu desenvolvimento, desde a infância até a chegada na velhice. Quanto à importância que a memória assume em nossas vidas cotidianas, ressalta-se que necessitamos dela para lembrar, desde a realização de movimentos como comer, amarrar os sapatos, andar, até compromissos, nomes de pessoas, realizar atividades, reconhecer faces, lugares, cheiros, dialogar com outros sujeitos e aprender (ZWICKER, 2017).

Se eu ainda estudasse, era importante pra eu ler, importante pra algumas coisas que eu digo. Eu acho que dão importância viu, principalmente uma pessoa feito J, que trabalha muito, aquela pessoa dá muita importância, né. E muitas pessoas como ela, um pastor, você mesmo que é uma médica, uma doutora, psicóloga, né, que sabe né, entendi, quer dizer, o que vem ser uma memória bem fixa. (Carmen, 76 anos).

Em outras falas, observou-se que a importância da memória também estava ligada ao desempenho de certas atividades laborais, sendo indispensável a determinadas profissões por possibilitar com que essas pessoas permaneçam exercendo suas funções da melhor maneira. Verificou-se uma associação entre memória e aprendizagem, sendo a capacidade mnemônica ferramenta indispensável para a aquisição de novos conhecimentos, mesmo não se resumindo a apenas isso (SOUSA; SALGADO, 2015). Os mesmos autores ainda argumentam que a aprendizagem está relacionada com processos associativos, pois, ao receber estímulos diversos, esses são associados a outros já existentes e geram novos.

Sozinha, de minha mente! Pensando assim, pronto, abrir escala, eu digo: vou procurar um pé da música, uma parte, quer dizer da música pra eu abrir escala. É, a minha obrigação, num é que eu seja obrigada a fazer isso, mas, sim, apresentar, né, é minha obrigação. Hora do adeus é mei difícil, ficar somente com dois braços no chão e uma perna e a outra botar aqui (demonstrando) e fazer assim na hora do adeus. É difícil me sentar no chão, botar duas pernas, uma pra lá e outra pra cá. Ficar assim também é difícil. (Carmen, 76 anos).

Outra questão pertinente aos relatos analisados é a relevância da aquisição de novos conhecimentos, colaborando com o que afirma Neri (2006) ao mencionar que, na velhice, assim como em outras fases da vida, podemos nos desenvolver cognitivamente. Para Sousa e Salgado (2015), esse processo de novos aprendizados, a partir da prática, modifica o comportamento e todas as informações geradas, transformando-se em memórias. Portanto, ao permanecerem ativos e estabelecendo novas interações, os idosos permanecem não apenas evocando conteúdos já aprendidos, como também adquirindo novos conteúdos e construindo novas memórias.

Aprendi, foi esse... pronto, esse plano das idosas que não tinha antigamente não era? Eu gostei muito desse plano, tem a coordenadora J. Gostei muito, me tirou muito daquelas coisa ruim que eu pensava, das coisas, sei lá... vivia com marido, vivia ruim, não vivia bem. Aprendi a dançar porque J. eu dizendo que abria até escala, J. disse: ah, então tá bom pra viajar comigo. Viajei muito com ela mais pra trás, 2007, fazia essas apresentações. Oxe, em lagoa do carro o povo gostava que só. (Carmen, 76 anos).

Dentre os conteúdos expressos, podemos perceber processos de socialização /ressocialização, como, por exemplo, a participação de idosos em grupos da terceira idade,

identificado como uma possibilidade de reintegração social, visto que, ao envelhecer, muitos idosos passam por alterações físicas, de trabalho, autonomia e em sua rede de relações sociais (SILVA; FIXINA, 2018). É importante entender que, assim como ocorre em outras etapas do desenvolvimento, tal como na adolescência, as relações estabelecidas entre os sujeitos são um suporte necessário e permitem a manutenção da autonomia e do desenvolvimento, mesmo na velhice. Embora a família atue como parte do suporte social do idoso, tendo este suporte um caráter de rede de apoio ou construções pessoais de trocas afetivas, assumindo o papel de base para diferentes adversidades (NERI, 1995), as relações sociais não se resumem apenas aos espaços familiares, podendo ser relevante para esses sujeitos manterem vínculos com outras pessoas.

Paralelo a isso, outra questão que pode ser observada entre os conteúdos expressos pelos sujeitos da pesquisa relacionou-se a críticas direcionadas ao uso de tecnologias, celular e a internet, por exemplo, como desfavoráveis quando utilizadas em substituição à função da memória, pois, segundo os idosos, a adoção de ferramentas tecnológicas teria assumido função de guarda e evocação entre os mais jovens, processos característicos da memória humana.

É, porque hoje o que zelas [elas]... o valor maior das pessoas jovens hoje, é o celular. Elas não tão interessada em saber mais nada por causa do celular. Tudo que quer, vou lá olhar no celular. Apoi é isso! Tanto faz guardar como não guardar. (Severina, 67 anos).

Zwicker (2017) expõe que o uso dos recursos tecnológicos têm provocado alterações na maneira como nos comunicamos, aprendemos e na forma como interagimos uns com os outros. Também vale destacar que os meios tecnológicos assumiram um papel importante na vida das pessoas, e hoje ocupam um espaço considerável, além de ser instrumento de trabalho para muitos, possibilita a comunicação até mesmo a manutenção e estabelecimento de vínculos entre os sujeitos.

Ao falarem sobre a relevância da memória, os idosos expuseram suas significações a respeito das funções mnemônicas, atrelando-a à função de guardar informações, está relacionado à cabeça, à capacidade de lembrar e de não esquecer. Deparamo-nos com uma definição própria e com significados individuais em relação à memória, exposições de cada sujeito acerca de um único objeto (LANZI; CASTRO; DÁTILO, 2016).

Memória significa pra mim, uma coisa muito boa, a pessoa, por exemplo, eu tô aqui, mas eu penso assim numa coisa: será que isso vai dar certo? E fica

aquilo na minha mente, na minha memória isso né. Na minha memória, na minha mente, na minha mente e até que às vezes quando eu vou e consigo uma coisinha e dá tão certo, éee. A minha memória, eu acho que... é boa ainda pra várias coisas. (Carmen, 76 anos).

Dentre as falas expostas, pode-se constatar uma atribuição positiva à memória quanto a sua funcionalidade ao relacioná-la com objetivos e desejos. Embora muitos idosos relatam dificuldades no que tange à memória, percebe-se que, ao conferir aspectos positivos ao avaliarem suas funções mnemônicas, esse fato pode contribuir positivamente para manutenção e execução de suas atividades diárias, denominando-se de “percepção subjetiva de memória” (LINDÔSO *et al.*, 2011, p. 305).

Memória é lembrar daquilo que hoje eu digo pra minhas fias. Minhas fia hoje, a memória zelas [delas] tá mais fracas que a minha. Hoje, depois desse, desse, dessa doença que eu passei com o marido, 1 ano e 7 meses, ali ligada dia a noite pra dar todo tipo de remédio, era muito difícil esquecer algum remédio do dele. Eu passava dia e noite dando remédio a ele tudinho e lembrava. (Severina, 67 anos).

Percebe-se que no trecho em destaque acima relatos de uma das grande críticas feitas a civilização, isto é, perda das grandes narrativas, ou seja, os idosos desejam contar, repassar, mas não encontram por vezes abertura nem ouvintes atentos. No mais, observa-se que lembrar também é estar apto a cuidar do outro, exercer atividades esperadas no script do ciclo vital. Ressalta-se aqui a importância das relações na construção de memórias afetivas e de cuidado. Vilar e Amorim (2016) mencionam que embora se encontrem trabalhos interessados em estudar as relações afetivas na velhice, nota-se a necessidade de ampliar o olhar direcionado a essa problemática e examinar com mais profundidade as particularidades dessas vinculações, afetivas e de cuidado.

Um pensamento, né!? Né não!? É!. A memória é aquilo que a gente grava na cabeça. (Luiza, 82 anos).

É da cabeça né? Negócio da cabeça. Né não? É né, é a cabeça mesmo da gente. (Maria, 84 anos)

A memória assume, entre os idosos, a incumbência de guarda e evocação, isto é, sua compreensão estaria ligada ao conjunto de funções biológicas que os permite recordar, reter novas informações e repassar no presente coisas passadas (MARINHO, 2016). Os fragmentos em destaque acima retratam a atribuição de uma função à memória, ela seria a responsável por gravar informações. Colaborando com a definição atribuída à memória por Corso e

Dorneles (2012) ao expressarem que ela é um conjunto elaborado de processos cognitivos que relaciona o armazenamento temporário com o processamento das informações recebidas.

Portanto, ao falarem da importância que a memória assume em suas vidas, os idosos não se restringem apenas a sua funcionalidade, à maneira como nosso cérebro adquire e armazena informações, eles também ressaltam sua capacidade de manter viva sua história, sua cultura, desempenhar papéis e manter/construir relações afetivas.

5.2 Memória de Buenos Aires

Essa categoria contemplou narrativas trazidas pelos idosos a respeito da constituição da cidade de Buenos Aires. Nela, pode-se observar como a história de vida desses sujeitos estão perpassadas pelo crescimento da cidade e as transformações oriundas da passagem do tempo. Memórias elaboradas a partir de lembranças individuais, construídas sobre um cenário particular, já que, mesmo não sendo expostos a fatos iguais, foram atravessadas pelas informações e elaboraram lembranças similares (SÁ, 2012). Outrossim, “como várias são as pessoas em interação, para cada pessoa, diversos são os significados e sentidos que derivam dos tempos e a eles remetem” (ROSSETTI-FERREIRA; AMORIM E SILVA, 2004, p. 32).

Sob essa perspectiva, os idosos expuseram relatos de como a cidade foi crescendo, cada um a partir de suas memórias, mas, em certo ponto, elas se entrelaçam e passam a contar sobre um único fenômeno, mesmo que os autores da história sejam diferentes. As memórias pessoais, frutos de vivências singulares, também estão nas memórias compartilhadas, porque um mesmo fato pode ser experienciado por mais de uma pessoa ou grupo (SÁ, 2012). Para Bosi (1998), ao evocar suas lembranças, os idosos assumem a tarefa de separar sua vida no presente daquela do seu passado, ao mesmo tempo em que se reconhecem em suas memórias e se situam no aqui-agora, deslocando seus interesses, reflexões e reencontros entre diferentes épocas de vida.

Me lembro! A cidade era pequenininha, bem pequena... começando ali do Cajueiro mesmo, aquela parte da Ladeira todinha uma bola de H, uma planta chamada H. Depois foi que foram fazendo casa, foi aumentando. O Cajueiro subiu... era duas, uma carreira de cajú de um lado e do outro de cajú. Porque era duas carreiras de cajú. E a lagoa que era conhecida a lagoa de João Elias, ali, e hoje taparam pra fazer casa. Aquela lagoa enorme, era muito bonita aquela lagoa, né!? Era o divertimento da gente, era como a praia, naquele tempo ninguém conhecia praia, a praia que a gente conhecia era tomar banho naquela lagoa. Depois foi mudando tudo... quando eu vim morar mesmo na cidade eu já tinha 12 anos. Sai do sítio pra cidade. Depois fez o caçamento, novidade quando fez o caçamento. Foi aparecendo novidade. E quem fez mesmo Buenos Aires crescer mesmo, chegar o conhecimento foi depois que

doutor Gislan foi prefeito da cidade. Aí ela foi divulgada, foi crescendo, foi trazendo coisa que a gente nunca tinha visto. Faz muito tempo, eu nem me lembro..... Era, no, era...não tinha energia! Eu já grande ainda não tinha energia. A gente vinha pra festa, tinha aquela luz... de motor, sei lá como é que era a luz. Uns postes de pau, botava umas lâmpadas assim pra clarear. Nasci aqui, no engenho Bandeirantes, eu e meus irmãos, todos. (Severina, 67 anos).

Nas recordações apresentadas, constata-se uma relação temporal entre as transformações vividas pela cidade e o desenvolvimento do próprio idoso ao trazer, em suas narrativas, fatos pessoais para ilustrar mudanças percebidas com o passar do tempo. Como trazido por Silva e Freitas (2018), ao narrar sobre o crescimento da cidade, os sujeitos, nesse caso os idosos, constroem suas próprias histórias, tendo por base sua relação com o tempo e com as transformações ambientais sofridas pela cidade, fazendo uma ligação entre passado e presente. Ao ocupar esses diferentes espaços sociais e interagir com os diferentes elementos constituintes desses cenários, eles exercem um diálogo com o contexto e com as figuras/pessoas encontradas nesses lugares, sendo atravessados por essa multiplicidade de relações.

Rossetti-Ferreira; Amorim e Silva (2004) expõem que o tempo assume um papel importante junto ao processo de desenvolvimento por relacionar-se aos diversificados modos de ser e existir, diferentes dimensões temporais circunscrevem um mesmo processo, dentre eles o aqui-agora, isto é, uma história de vida que conecta um tempo passado a um presente, o que é reforçado pelas falas dos idosos ao trazerem as mudanças percebidas na cidade tomando como referencial diferentes épocas de suas vidas e fatos ocorridos nessas etapas que marcam a passagem do tempo e os levam a contar na atualidade o que vivenciaram e como se deu esses processos de modo singular e coletivo.

Como era? Eu morava aí embaixo na descida de Seu Júnior. Aqui só era mesmo... era, era vila. Era, era vila. Foi no ano de.... Celma tem quantos anos, meu Deus? No ano que Celma, minha filha, que é professora, nasceu, foi que passou pra cidade. Quantos anos faz, meu Deus? Parece que... 57, 57 anos.. Aqui pertencia a Nazaré da Mata, Nazaré da Mata, aqui era município de Nazaré da Mata né!? Aí passou pra Buenos Aires. Nesse tempo não tinha energia, não tinha nada. Aí tinha uns lampião, sabe!? na rua. Você já viu como era um lampião?. Era, era... aqui acolá tinha um. Ali tinha um, aqui assim.. na frente tinha um. Porque desmanchou, porque agora é tudo diferente. Aqui assim... meio assim... tinha um pra onde é aquela casa ali na frente. Lá pra baixo tem outro. Ali no beco da padaria tinha outro. Tinha um ali do lado que mora Biu de Neso. E tinha outro lá no beco da padaria. Aqui acolá tinha um na rua viu, lampiãozinho. Tinha um tal de Severino Tico que toda tardezinha ele botava gás no, no lampião. Depois veio... me esqueci do nome! (incompreensível) Um senhor de engenho de lá e trouxe motor. Aí

botou a energia da daqui a motor, botou motor, motor elétrico. Aí botou na rua. Até na minha casa que eu morei ali embaixo, morei lá embaixo, perto daquele clube dali. Foi onde Zé meu, esse que passou por aqui. Zé meu nasceu. Morava lá embaixo, numa descida que tenha assim. Agora tudo é rua viu. Aí morei aqui, desde pequena que morava aqui com tia minha. (Maria, 84 anos).

Latoski e Nogueira (2021) informam que ao estudar os elementos que circunscrevem as relações espaço-temporais podemos compreender a construção de identidade de uma determinada sociedade ou grupo. Além disso, as práticas e as relações sociais se constroem por meio da relação espaço-tempo e são por eles atravessados. Os mesmos autores completam também que, ao ocuparmos espaços sociais e interagir com os diferentes elementos constituintes desses cenários, fazemos um diálogo com o contexto e a história de formação desses lugares. Percebe-se, então, que, ao contar a respeito do modo como a cidade foi se desenvolvendo, os sujeitos do estudo lançaram mão de fatos pessoais que marcam o tempo, as fase da vida e os auxiliam a rememorar, em especial aqueles relacionados a questões afetivas, pessoas e momentos importantes.

Lembro demais, lembro demais que quando Buenos Aires passou a ser cidade eu já morava aqui. Mudou, e Buenos Aires tinha nada não, minha fia. Era quatro casinha dali pra cima, era pouquinha, pouquinha. Buenos Aires cresceu três vezes a mais do que era, era muito pequenininha. (Luiza, 82 anos).

Para Bosi (2003), a memória assumiu, nesse caso, uma posição de mediadora entre os diferentes tempos vividos, os elementos da cultura e as questões singulares. Na verdade, uma ligação entre o tempo passado e as novas gerações que não presenciaram esses fatos, de modo que os territórios funcionam como espaços simbólicos capazes de proporcionar encontros e desencontros e configurações culturais diversas (LATOSKI; NOGUEIRA, 2021).

Talvez seja essa capacidade de narrar suas histórias para quem deseja ouvi-las um dos mecanismos encontrados pelos idosos para manter-se saudável psicologicamente (MARINHO, 2016). Podemos inferir que suas memórias se apresentam como um livro vivo do tempo vivido que permanece sendo acessado por quem deseja ler, ouvir de forma atenta e sensível ao tempo que hoje não existe mais (BOSI, 1998). Ao falar sobre um passado que foi vivido por eles, os idosos atualizam, em seu presente, a memória de um tempo anterior, evocando informações, atualizando-o no tempo e reconfigurando o seu aqui-agora por meio do diálogo com diversificados interlocutores (ROSSETTI-FERREIRA; AMORIM; SILVA, 2004).

Me lembro. Me lembro. Eu lhe conto, Buenos Aires como era. Buenos Aires, Buenos Aires, do engenho pra cá, puxando pra Cavalcante, não tem um serrote, de capeirão? Tem! Tem um serrote de capeirão, Buenos Aires era ali. Buenos Aires era ali. É... vai já no rumo de Cavalcante, Buenos Aires era aquilo ali. Era pequeno, agora tinha uma igreja, tinha padre, 9 açudinhos, cheio de butijas, depois que to aqui, já arrancaram duas butijas ali, mas deram 9 butijas ali, perderam tudinho, só arrancaram 2. Eu sei contar, viu?. Eu sei contar (risos). É bom a senhora chegar aqui pra conversar mais eu. Olhe, ali aquele Buenos Aires, era pequenininho. (João, 90 anos).

Essa categoria obteve uma quantidade expressiva de conteúdos trazidos pelos participantes e, a partir disso, percebeu-se uma satisfação, um certo vangloriar por parte do idoso em poder compartilhar os anos vividos e suas histórias. Nota-se que o ato de narrar traz lembranças, o que demonstra a importância do uso da memória. Embora os idosos tenham entusiasmo em partilhar das suas vivências com outras pessoas, é difícil encontrar ouvidos atentos e disponíveis (NAVA; KLAUCK, 2018). No mais, percebe-se que nada é tão nosso quanto nossas lembranças, mas essas mesmas recordações também são do outro na medida em que as compartilhamos.

Nessa lógica, ao falar sobre suas experiências passadas, eles podem tornar visível para si como se deu sua construção pessoal, sua identidade ao longo dos anos, pois, ao narrar suas vivências, realizam o exercício de busca em suas memórias e, por via das palavras, descrevem, explicam sentimentos e domínios próprios da sua existência (LANZI; CASTRO; DÁTILO, 2016).

O primeiro prédio de Buenos Aires, num tem um sobradinho ali, no princípio da feira? O Buenos Aires, o... O princípio de Buenos Aires era aquele sobradinho. É aquele sobrado, foi o princípio de Buenos Aires. Agora, era coberto de mata, por ali abaixo tem uns pássaros chamado... que chama a paisano, mas o nome dele era Jacú. Que era uns pavãozim. Tinha muito, o pessoal dizia: “vamos caçar na campina de jacu.” Porque tinha muitos jacu viu? Era, mas quando foi na eleição de cinquenta e poucos, quem ganhou essa eleição foi o finado Junior Gomes, mudaram o nome de jacu, mudaram pra Buenos Aires, puxaram o Buenos Aires, veio o nome pra cá viu. Assinaram por Buenos Aires, mas era assim... Era jacu. Era... um tiquinho de casa de nada, tinha ali. Só tinha casa, até no beco que vai para o cemitério, o resto era, era, solta de amarrar besta velha e boi, e nopró de cana. Era o que tinha ali. Aquele cemitério, aquele cemitério era uma bola de H, que tinha um barbeiro velho do buchão hão, Cazusa... Ele pedia macaxeira, o pessoal levava duas, três macaxeiras pra ele e um, uma família dos pereira, botava pros preás comer, pra ele matar os preá. É... (risos) o preá embolava em cima do outro. (João, 90 anos).

Bosi (2003) salienta que o sujeito idoso, ao narrar sobre suas vivências, não está apenas descrevendo fatos, coisas, mas falando sobre suas experiências e os significados que os atravessaram e atravessam o percurso de sua existência. Revivem, por meio da linguagem do presente, o que aconteceu no passado. Dito de outro modo, seria o recordar uma maneira muito particular de manter viva a memória (IZQUIERDO, BEVILAQUA E CAMMAROTA, 2016).

Era assim... no ano que essa menina nasceu, fizeram aquele cemitério. Mas foi muito trabalho pra arrancar H ali viu? Foi muito trabalho pra arrancar aquilo. Pra fazer aquele cemitério. Era sim. Fizeram aquele cemitério, agora tinha, aquele cemitérinho da igreja. Morria... Era. Aquele engenho boa fé, alcançou o engenho boa fé em pé, aquele engenho era da igreja assim. Não tem uma lagoinha ali? Aquele engenho era ali. A água vinha encanada, atravessava a estrada na frente da igreja, a água vinha encanada daquele coigo, que parece que é terreno de doutor G. Água vinha encanada pra ali, pro engenho moer. Era assim viu? Era, era pequeno. Tinha aquele alto que sobe, alto, o alto do cajueiro. Era... até perto, ali, se acabava a rua. Era... (risos) É... Até ali se acabava a rua. Então, no beco que to dizendo que entra pro cemitério. Ali tinha a oficina de Joaquim Ferreiro era... Tinha a oficina de Joaquim Ferreiro, era a derradeira casa, era ali. Pra baixo era campo de amarrar cavalo, amarrar boi, outros tinha uma bolinha de cana. Aonde é o posto de gasolina tinha uma casa com 3 portas, o pessoal chama 3 portas de Maria Cadena. Era... uma casa com 3 portas era dela, aquela casa velha. Lembro, me lembro... Mas se eu tivesse ido pra uma escola, eu tinha aprendido. Tinha aprendido. (João, 90 anos).

No fragmento acima, notou-se que momentos considerados marcantes, como o nascimento da própria filha, situava o idoso diante de um acontecimento relacionado à história da cidade, fato justificado por Nery (2017) ao pontuar que não se trata apenas de uma memória, trata-se também de um complexo composto de elementos diversos e juntos subsidiam a elaboração de significados e de memórias. Completando, Bosi (1998) afirma que os afetos e os sentimentos acompanham a construção da nossa memória, enfatizando que a memória dos idosos se configura a partir do reviver do passado.

Não me lembro muito bem não, mas assim... a gente ficava bestinha porque passava um avião que era dali de Tamataupe, chamava treco treco, um avião de guerra. Tinha um ronco diferente e parece que era de tábua, dizem que ainda hoje, Dona Irinha disse que o campo dele no corgo lá, no corgo lá de Tamataupe. A gente ficava bestinha quando esse avião passava no sábado, no domingo, parece que era um doutor Joaquim que passava nele, lá por barra nova, dava umas três quatro voltas, passava, passeava aqui pela campina e ia simhora. (Carmen, 76 anos).

Percebe-se que objetos, como o avião citado, assumem a função de marco histórico e auxílio à memória do sujeito (NERY, 2017), de modo que, ao descrever as recordações a respeito do local onde habitam, os idosos estão contribuindo para o compartilhamento da história da cidade e não apenas elaborando memórias singulares (SALDANHA; NASCIMENTO; RAUPP, 2019). Ao falarmos do tempo, devemos considerar que as diferentes dimensões temporais estão ligadas e são indissociáveis quando falamos do desenvolvimento humano (ROSSETTI-FERREIRA; AMORIM E SILVA, 2004), e, em se tratando da velhice, os idosos carregam em sua memória um acúmulo de experiência de vida de diferentes épocas.

5.3 Mudanças observadas

A categoria *mudanças observadas* abarca questões relacionadas às alterações observadas na memória com o passar dos anos pelos próprios idosos. Comparações temporais relacionadas à memória foram encontradas nos relatos dos participantes do estudo. Os idosos expuseram como estavam as suas funções mnemônicas e, atrelaram as falhas observadas à idade cronológica, exemplificando, por meio de associações entre diferentes etapas do seu desenvolvimento, mudanças ao passar dos anos e as ligaram ao processo de envelhecimento. Para Bosi (2003), a memória eclode como algo que detém uma força subjetiva e caracteriza-se como sendo atuante, velado e, ao mesmo tempo, em constante processo de transformação.

Era, é mais diferente. Esqueço mais né!? Vai ficando mais velho né, quer o que!?. É uma comparação com 66 anos com 12 anos, 10 anos, é muita diferença, muita deferência. Pequeno até eu me lembrava das coisas, que cantava música, subiava, essas coisas assim... fazia uma musquinha assim. Mas, depois, aí vai ficando vei, vai aumentando, né!?. (Manoel, 66 anos).

Diante da presença de relatos a respeito de alterações sofridas nas funções mnemônicas com o passar dos anos, Carvalho, Neri e Yassuda (2010) expõem que o processo de envelhecimento envolve alterações na redução da velocidade de processamento da informação, afetando o desempenho cognitivo, entre eles, as funções mnemônicas, podendo as alterações de memória serem mais perceptíveis na velhice do que em outras fases da vida (ARREGUY-SENA et al., 2020).

Neri e Neri (2013) realçam a presença, entre pesquisadores do envelhecimento humano, do entendimento a respeito de alterações em diferentes domínios cognitivos na população idosa, destacando que, entre esses sujeitos, a presença de declínio vai se diferenciar

a depender da idade apresentada. Ademais, existe uma variabilidade entre esses indivíduos, em relação à velocidade em que essas mudanças se apresentam e à maneira com a qual vivenciam seu percurso de envelhecimento. Contudo, as mesmas autoras avaliam que algo consensual consiste no fato dos “processos genético-biológicos” sofrerem interferências, em especial as funções cognitivas (p. 2025).

Mas, às vezes quando a gente tá ficando assim, com certa idade, a gente vai esquecendo um pouco, né? Mas até aqui, graças a Deus eu não tenho esquecido não. Tem se passado eu lembro também, de muitas coisas, de momento bom e momento difícil também, que sempre aconteceu né? Não, acontece né. Porque a memória da gente quando vai ficando com a idade um pouco mais avançada não é como a gente mais novo, né. Aí muda um pouco, a gente esquece sempre um pouco, mas num é nem tanto, entendeu? A minha memória, graças a Deus, pra mim eu acho boa até demais, pra vista da minha idade, tá bem graças a Deus. (Antônio, 67 anos).

Para Marinho (2016), ao falarmos de memória e relacioná-la com o passado, histórias vividas, estamos falando de uma relação que dá suporte à identidade individual e social. Segundo Aragão e Chariglione (2019, p. 117), a presença nos discursos dos idosos das palavras “experiência e vivência” estariam ligadas à maneira com a qual esses sujeitos distinguem a passagem do tempo e os sentimentos que são desencadeados a partir do curso de vida, atrelando a memória fatores emocionais que vão sendo consolidados e evocados diante das particularidades emocionais atribuídas. Ao falarmos da memória com um caráter mais afetivo, que proporciona ao sujeito o reconhecimento de si enquanto indivíduo social, referimo-nos também a uma identidade social ou psicossocial que é construída dentro de um contexto de interação indivíduo-outro-meio.

Minha fia, eu não sei dizer nada não. Porque olhe... a gente né, quando... às vezes eu me lembro de coisa quando eu era pequena e, tem vez, que uma coisa de ontem eu não me lembro. Aí eu fico... as vezes, tem veí que G. tá aqui de manhã... aí eu oxe, G. tava aqui de manhã ou foi de tarde, olha aí, a cabeça tudo diferente, minha fia, diferente. Eu acho que é! Acho que é, porque a coisa mais antiga, às vezes, me lembro, tem vez que agora, as meninas diz uma coisa, pouco mais, me esqueci. Não me lembro. Né, embora que adepois, um tempinho eu vá me lembrar. Pronto, mas não é que nem. Eu me lembro de muita coisa antiga que passou na minha vida. Coisa mais antiga, oie, coisas mais antigas dizem que a gente lembra, agora, às vezes, quando tá na idade, aí dizem que coisas mais antiga a gente lembra, e as mais nova a gente esquece. É.... o povo (gagueja). Sabe dizer nada, mas dizem que as coisas antigas fica gravada no cérebro. É, eu me lembro tudo, tudo que passou quando eu tive. Eu me lembro do... Aí, isso é história não sei quem dizia. (Maria, 84 anos).

No trecho em destaque, constatou-se falas direcionadas às alterações na memória ocorridas com o processo de envelhecimento como algo esperado na velhice. Pode-se perceber a presença de conhecimento elaborado a respeito de quais informações permanecem preservadas e as quais sofrem influência com a passagem do tempo, levantando uma questão adicional que diz respeito ao conhecimento compartilhado por meio do senso comum em relação às alterações na memória com o passar dos anos, sendo na velhice a fase da vida em que essas mudanças se tornam mais perceptíveis e naturalmente esperadas com o avanço da idade cronológica. Rocha (2014) cita que o conhecimento partilhado a respeito das funções mnemônicas na velhice justifica o esquecimento como algo normal e esperado para essa fase da vida. Segundo a mesma autora, esse processo de construção de conhecimento seria próprio de cada sujeito, estaria atrelado a categorias presentes na cultura e teria por base um saber pré-existente.

Além disso, vale destacar que a memória, enquanto objeto social, apresenta um caráter construtivo socialmente. O conhecimento construído e partilhado por uma comunidade, um grupo, ao mesmo tempo em que se destina a guiar a prática da elaboração da realidade é um processo de construção do real a partir dos significados do meio social e do senso comum (CAMINO; TORRES, 2013).

As meninas resolvem as coisas lá, a pasta lá, porque elas dizem que é pra eu não perder os documentos, elas guardam. Eu tenho medo de perder. Documento é coisa séria, né!?. E eu sei rapaz, elas ficam com eles, guardam porque dizem que quando eu precisar.... Ela tem uma pasta deste tamanho com tudo dentro, guardado. É na casa de Maria, porque ela disse que se precisar de alguma, de uma consulta, qualquer coisa, ela já tá com tudo. Cartão de SUS, tudo ela fica. Tudo guardado lá. (Luiza, 82 anos).

Mudanças nas dinâmicas familiares entre pais e filhos podem ocorrer na medida em que os anos vão passando e a velhice vai se instalando, podendo haver inversões nas dinâmicas de cuidado entre pais e filhos, e os filhos assumirem os cuidados com os pais (MENDES *et al.*, 2005 *apud* SALDANHA; NASCIMENTO; RAUPP, 2019).

De acordo com Bosi (1998), uma característica muito presente na relação de estabilidade entre os adultos mais jovens e os idosos é a falta de reciprocidade. Assumem, por vezes, o capacitismo como algo comum ao idoso, não permitindo com que eles se posicionem, questionem ou até mesmo expressem algum tipo de desejo. A desculpa para tais comportamentos está na alegação de que eles precisam de proteção e cuidado, voltando a ser tratados como indefesos, necessitando de supervisão diária. A mesma autora pontua, ainda, que tiramos deles muitas vezes seu poder para tomada de decisão e realização de atividades

antes desenvolvidas. Sua aposentadoria, sua casa, sua vida, seus desejos passam a ser controlados por terceiros e, no interior de suas próprias famílias, acabam sendo manipulados de maneira a serem tirados de suas atividades e até mesmo isolados.

Quando eu trabalhava na secretaria de educação as companheiras lá admirava minha memória porque eu passava recado pra todo mundo. Nunca notei nada em papel não. Quando ela chegava eu fulano de tal desse isso, isso, isso, aquilo, aquilo... todo mundo ficava admirado, minha memória era muito boa. Agora que ela tá meio assim... tá muito certa não. Agora pra lembrar as coisas... tá difícil, tá difícil. Tem que conversar comigo e eu lembrar daquela coisa. E eu só era uma vez. Quando eu ouvisse uma coisa uma vez, pronto, eu já trazia aquilo na minha memória pra quando eu chegar em casa eu saber. Uma música, um canto da igreja, só era uma vez mesmo. (Severina, 67 anos).

Nota-se, na narrativa, diferentes campos de experiência humana que circunscrevem as transformações sociais ocorridas ao longo da vida, tais como: a aposentadoria, diminuição de vínculos sociais e até mesmo nas demandas diárias, apontado como um sinalizador das mudanças no desempenho da própria memória. Ao mencionar as transições vivenciadas, podemos percebê-las como processos de reorganização de um sistema em que a interpretação das pessoas de uma ruptura percebida desempenha um papel importante em seus pensamentos e ações subsequentes (ZITTOUN, 2009).

Os marcadores cronológicos se apresentam, por sua vez, como sinalizadores das diversas mudanças, principalmente em relação às expectativas traçadas para o futuro, causando incertezas (ZITTOUN, 2009). Essas expectativas relacionadas ao futuro começam a adquirir novas dimensões, principalmente em relação às mudanças percebidas com o passar dos anos e a chegada à velhice. Ao se relacionar com a realidade, o indivíduo se encontra dentro de um tempo, que o direciona para o futuro e o faz estabelecer possíveis novas maneiras de olhar para si. Dentre os relatos, observou-se que a velhice aparece como uma etapa da vida, capaz de proporcionar bem-estar, liberdade e manutenção da autonomia a partir da aquisição de novos conhecimentos, novas experiências de vida, do estabelecimento de novas relações sociais e liberdade para gerir horários e demandas (SOUSA; SALGADO, 2015).

Hoje em dia estou uma senhora mulher, depois de idosa, minha filha, estou uma senhora mulher, conheço muitos lugares, tenho passeado com J. que é uma coordenadora ótima e uma mãe, né mesmo que uma mãe. Gosto muito de viajar, adoro a Deus e viajar, né. Conhecer lugar, conhecer mundo. Hoje em dia eu me sinto melhor tá assim, só, na minha casa. Faço as coisas na hora que eu posso, na hora que eu não posso, não faço. (Carmen, 76 anos).

Outrossim, verifica-se a manutenção de uma rede de relações sociais que possibilita a continuidade de conhecimentos já adquiridos, como também favorece a aquisição de novos, através das diferentes interações sociais e estímulos ambientes que recebem, colaborando com os apontamentos descritos por Espírito-Santo *et al.* (2016) ao expressarem ser importante para preservação do funcionamento da memória dos idosos a exposição a estímulos sociais e cognitivos. No mais, cabe ainda destacar que as relações grupais podem ser consideradas como suporte interessante no cuidado com a população idosa, com vista a viabilizar a identificação de meios para auxiliar essas pessoas frente aos desafios percebidos com a chegada da velhice e propiciar o fortalecimento de competências já existentes (RABELO; NERI, 2013).

5. 4 Rememorar

Na categoria *rememorar*, encontram-se relatos apresentados a respeito de uma memória viva, não estagnada, parada no tempo, uma memória que faz rir, chorar, mas, ao mesmo tempo, conta sobre o que viveram e como viveram. Existe uma relação direta entre a nossa memória e as diferentes relações que estabelecemos ao longo da nossa vida, ambas se atravessam e uma é composta pela outra de igual maneira (SÁ, 2012). “É sobre a relação entre o ser individual e o mundo que se organizam as lembranças e os processos que explicam ou não o significado do repertório de lembranças armazenadas” (MARINHO, 2016, p. 119). Em algumas falas, observou-se relatos de uma vida marcada por momentos de dor, situações de privação de alimento e trabalho exaustivo.

De acordo com Callefi e Ichikawa (2019), ao contarem suas histórias de vida, esses sujeitos se fazem ser ouvidos e atribuem importância ao que foi vivido. Logo, mesmo que essas narrativas não correspondam ao fato real, recebem ilustrações e novas conotações por parte dos idosos. São transcrições atravessadas por sentimentos, releituras do vivido.

O que tá na minha cabeça, o que eu vi o meu pai dizer, eu com 6 anos tá aqui viu. Se eu me esqueço? Não! O que eu aprendi de 6 anos pra cá, tá tudo copiado na cabeça. Me lembro de tudo. Tinha uma história de umas oração dos catimbó pro carreiro soltar boi de outro, girar o carro de outro, fazer o outro carreiro perder 4 bois e o carro no meio do caminho. Tinha viu? Ele tava conversando com o outro carreiro, o primo dele, e chupando abacaxi, e eu com 6 anos sentado perto dele, num dia de sábado, de 8 horas do dia. Eles contando a história, como era que fazia como era que fazia. Eu copiei na cabeça aquelas mugangas, viu? Com 6 anos! Copiei na cabeça (risos)... Lembro. Quando eu tava com 13 anos, eu tava cambitando nesse engenho de São Vicente. Mai é assim mesmo, é como se diz, tô contando da história, né!?. (João, 90 anos).

Zwicker (2017) informa que a memória humana não se resume apenas a sua habilidade de armazenamento, evocação e consolidação, ela também se apresenta como uma construção que tem por base as interações sociais que firmamos, com significados e facetas diversas. No mais, a autora expõe que esse processo envolve ainda associação entre os padrões sociais e a construção da identidade, no qual os indivíduos se reconhecem em parte pelo que lembram.

Quando eu tinha cinco, seis anos, minha mãe me ensinou rezar a reza depois da refeição... ainda hoje eu sei! Eu aprendi, nunca esqueci. Mas pra lembrar das coisas, das coisas que eu fiz quando era criança... dez, oito anos, cinco... de tudo eu ainda me lembro que aconteceu. Minha infância, eu me lembro do meu tempo de criança, foi um tempo muito bom, muito alegre, muito divertido, não era como é hoje. Mas, naquele tempo de vez em quando eu comento aqui com as netas que era muita felicidade, saúde e eu... me divertia muito nos pés de árvore. Pulava de galho em galho, não tinha nem inveja de macaco. Menina, tempo bom... Naqueles tempos...(Severina, 67 anos).

Segundo Izquierdo, Bevilaqua e Cammarota (2016), dentre as memórias que colecionamos ao longo da vida, aquelas ligadas a fatores emocionais destacam-se e são facilmente evocadas. Ao recordarmos fatos vividos em outras etapas da nossa vida, essas memórias estão ligadas a fatores emocionais e serão rememoradas com mais facilidades por quem as experienciou. Reviver fatos, histórias, dores e alegrias faz parte daquilo que somos e daquilo que fomos ao longo da caminhada do existir humano. Entre os sujeitos participantes, as lembranças de um tempo vivido, narrado, compartilhado parecia os situar no tempo, no espaço. Sá (2012) ressalta que a memória não se refere apenas aos fatos vividos de maneira singular, ela também dita sobre o que foi partilhado histórico-cultural.

Eu me lembro que eu sofri muito em criança, viu!?. Que meu pai não era um bom pai, eu sofri muito, passei muita fome. Vim melhorar depois que me aposentei. Me casei e me encontrei o meu marido. Marido pra mim não é bom não. Eu tive 12 filhos dele. Ainda vive com ele 9, 9.... 60 anos e três meses, no foi Socorro? Foi 60 anos que ainda vive com ele. Não, tenho horror mesmo a homem, de homem. Tinha! Eu fiquei com raiva não quis não, não quis mais saber não. (Margarida, 101 anos).

Para Marinho (2016), o ato de recordar possibilita ao sujeito idoso reafirma-se diante da sua própria existência e identifica-se a partir das diversas mudanças ocorridas ao longo do tempo, assim como colabora para a preservação da memória compartilhada. A memória desses indivíduos, segundo o mesmo autor, está carregada de afetos, referências de um tempo

e de fatos sociais e ditam a respeito de quem eles foram e o que se tornaram com o passar dos anos. Constroem-se e reconstroem-se a partir das lembranças, do lembrar, das vivências construídas com o passar do tempo.

Eu me lembro, eu morava no terreno, no proprietário que tinha chamado Joca da pomba. Minha mãe foi morar ali, e ali me apresentaram. Uma mulher, um homem perguntou assim: a senhora não sabe onde tem uma mulher com umas meninas que queira alguma se casar não?. A mulher foi disse assim: eu sei, mora ali em Joca da bomba uma tal de Safirimirna. Mora ali em Joca da bomba, tem quatro filhas. Duas já casou e duas trabalha pra ela. Eu trabalhava, tirava quadra, limpava cana, limpava cana, abacaxi, limpava banana, mexia farinha, moía mandioca, tudo isso eu fazia dona (sorrir). Trabalhei muito, eu fui muito trabalhada. Até hoje, até hoje. Eu sou muito conhecida aqui. A senhora soube, no soube? Sou muito conhecida. (Margarida, 101 anos).

Marinho (2016) também chama atenção para o fato das nossas memórias serem o que temos de mais precioso por se tratar da história de um povo, de alguém, de uma pessoa que viveu um momento compartilhado. Ele também enfatiza que o sujeito idoso muitas vezes se delimita entre o passado e o presente, sem apresentar desejos futuros, podendo o exercício de recordar ressignificar sua percepção sobre si e até mesmo sua altivez. Nesse viés, o passado faz parte da nossa construção enquanto sujeito e, ao sermos inseridos no mundo, diferenciamo-nos uns dos outros a partir das nossas histórias de vida. Em tese, o estabelecimento de relações com outras pessoas favorece o compartilhamento de valores, de normas sociais e o fortalecimento de relações na ambiência afetiva e social (RABELO; NERI, 2013). Além de favorecer reflexões sobre a nossa maneira de estar no mundo, estar com os outros.

Deus me deu essa derradeira filha que fiquei viúva, pra ela cuidar de mim. Eu me lembro de tudo. Eu digo mesmo a Socorro... Quando meu pai brigava com a minha mãe eu me lembro (silêncio). De tudo que eu vivi. Me lembro, me lembro que... tinha noite que eu ia... passava a noite com um bague de jaca, jaca de vei. Eu comia aquele bague de jaca, bebia água e ia dormir. Eu era sofrida mulher, foi sofrida. Fui muito sofrida, lembro. (Margarida, 101 anos).

Outrossim, verificou-se que os eventos atrelados a fatores emocionais eram mais presentes nas falas dos idosos ao narrarem fatos passados, marcantes em sua vida, de modo que momentos considerados por eles como importantes acabam por receberem mais atenção, contribuindo para com que esses eventos sejam armazenados mais facilmente na memória (SOUSA; SALGADO, 2015).

5.5 Relatos de esquecimento

Na categoria *relatos de esquecimento*, destacam-se as falas expressas pelos idosos em relação ao esquecimento e/ou esquecer. Observa-se que, ao falar de memória e envelhecimento, os sujeitos da pesquisa expuseram dificuldades com sua própria memória. É perceptível, ademais, entre os idosos, queixas relacionadas a falhas de memória e outras capacidades na medida em que vão envelhecendo (KONFLANZ; COSTA; MENDES, 2017).

Dentre os entrevistados, constatou-se que os relatos de esquecimento foram associados à idade, à exposição a situações de estresse, à ansiedade e a restrições de sono. Sob essa óptica, alterações no humor, no sono, na atenção e até mesmo fatores emocionais podem interferir na aquisição e na evocação da memória (SOUSA; SALGADO, 2015). No que se refere ao desempenho da memória entre os idosos, Yassuda, Viel, Silva e Albuquerque (2013) relatam que diferentes fatores da vida desses sujeitos podem interferir em seu funcionamento cognitivo.

Hoje eu tô com dificuldade depois dessa doença que eu passei (referindo-se a doença do marido), eu passei muita noite sem dormir. Tanto fazia eu dormir essa noite quando na noite que vem eu passar a manhã todinha lá que ele não queria que eu saísse de perto até sentar numa cadeira lá no quarto, sentada. Aí isso afetou muito minha memória. Aí eu ia, saía do quarto, quando chegava na cozinha, o que eu ia fazer eu já não sabia mais. Aí eu pensava...voltava de novo... O que eu ia fazer que eu não já sei mais? Aí chegava na minha memória o que eu ia fazer. (Severina, 67 anos).

Entre as narrativas, observou-se que, para alguns idosos, as falhas de memória tornaram-se mais perceptíveis a partir das alterações ocorridas em sua rotina. Algumas condições podem causar interferências no manejo das atividades diárias e no processamento das informações por parte do idoso, dentre eles situações estressantes, problemas familiares, alterações no sono, doenças de pessoas próximas e até mesmo presença de quadros de ansiedade, depressão, podem alterar a dinâmica comum a esses sujeitos e afetar sua qualidade de vida (RABELO; NERI, 2013). Nessa lógica, os problemas de memória presentes nos idosos estão atrelados diretamente à qualidade de vida, pois interferem na relação de autocuidado, visto que as queixas expressas se referem, em sua maioria, ao desempenho de atividades diárias, ao cuidado com a saúde e ao estabelecimento de relações com outras pessoas (MORANDO; SCHMITT; FERREIRA, 2017).

As emoções explicitadas diante das falhas de memória são também um fator importante para a reflexão sobre os impactos desses eventos no processo de envelhecimento,

uma vez que demonstram como eles se sentem diante do esquecimento, das dificuldades e das reações ocasionadas pelas falhas. Kreuz e Franco (2017) avaliam que o processo de envelhecimento ocorre de maneira gradativa, envolvendo aspectos biológicos, psicológicos e sociais, podendo existir perdas acentuadas em diferentes esferas da vida desses sujeitos. Além disso, os autores apontam ser importante um aparato emocional por parte daqueles que convivem com idosos para que lhes seja oferecido suporte diante das alterações vivenciadas nessa etapa da vida.

Assim, os significados atribuídos por eles às falhas de memórias, as mudanças observadas no desempenho das suas capacidades mnemônicas e as comparações entre os tempos, por exemplo, o passado e o presente se entrelaçam aos significados atribuídos às experiências cotidianas desses sujeitos em consonância com o que exprimem Borges; Brito; Barbosa e Rezende (2020) a respeito da memória significar algo subjetivo, com interpretação individual e atravessada por um percurso singular, próprio de cada um.

De umas coisas. Pra algumas coisas sai muito boa minha memória, mas pra outras mais não, minha fia, eu me esqueço tanto. Fui ao médico e ela disse assim: é fique com a caixa é até bom pra não se esquecer né. Eu disse é! Eu trusse a caixa pra casa e terminou que joguei no lixo, não sei se me der isso novamente, não sei nem como é o nome da injeção. E me esqueci de anotar no papel qual é o nome da injeção. (Carmen, 76 anos).

Oh minha fia, eu não tô me lembrando nem de nada mais. Que a minha cabeça tá muito ruim. É de.... de... como é? Sabia que eu não posso dizer nada, minha fia, que eu me esqueço de tudo. Oxe, Ave Maria, é assim... me esqueço. (pausa). (Maria, 84 anos).

A respeito das queixas de memória apresentadas pelos sujeitos idosos, podem ser vistas, a saber, dificuldades em lembrar-se dos locais onde colocaram determinados objetos, nomes de pessoas conhecidas, compromissos importantes, administração de medicações de uso contínuo e até mesmo dificuldades em recordar e realizar algumas atividades domésticas, como desligar o fogo ao cozinhar (MORANDO; SCHMITT; FERREIRA, 2017).

Eu tenho a cebola agora, eu tô perdendo as coisas, vou lá, vou caçar não acho. Aí perdo o óculos, aí vou lá... tenho a cebola pra perdendo as coisas. Valha minha nossa Senhora, nossa Senhora Aparecida, aonde foi que eu coloquei aquele óculos? Aí vou lá e acho (sorrir). Vou procurar e acho. Porque eu não vou dizer que eu tô que nem era, a pessoa nova a mente vai também diminuindo, mas eu graças a Deus eu não me esqueço das minhas coisas que eu preciso. Não esqueço de pagar a quem devo não. Se eu dever um real a uma pessoa, eu me lembro. (Luiza, 82 anos).

Uma questão que se sobressaiu entre os idosos pesquisados diz respeito à memória como um recurso capaz de preservar os valores individuais e sociais adquiridos ao longo da vida, colaborando com Ploner, Gomes e Santos (2016) ao destacarem que o modo como envelhecemos e a forma como avaliamos a velhice está ligado à possibilidade de executar e manter valores subjetivos e sociais considerados importantes, atrelados a nossa identidade e ao modo como nos relacionamos com o outro.

Faz muito tempo não. Muitos anos não, mas eu acho que já faz... sei mais não quanto tempo faz não. Esse doutor... Aí tinha também uma doutora, mas eu também me esqueci do nome da doutora. Ela passou, ela passou isódio, isódio não... Ela passou um remédio de...de...de...(gagueja) de nervo. Tá ali o remédio que eu me esqueço. Oie, oie oie.. eu o dia todinho, às vezes, passa coisa aí oie, depois eu não me lembro de nada. Pronto, embora que hoje, às vezes não me lembro do que passou não, alguma coisa que me lembro. Eu tomava comprimido de.... Rapaz me esqueci (silêncio) do comprimido. Às vezes eu esqueço. (Maria, 84 anos).

Elementos cotidianos, como o remédio de uso contínuo e o médico, que os acompanham, apareceram como sinalizador das dificuldades de memória destacadas pelos idosos. Ploner, Gomes e Santos (2016, p. 213) notaram entre seus achados que dificuldade de raciocínio diante de atividades que requerem certa agilidade no processamento da informação e resposta mais imediata eram sinalizadas como indicadores de declínio relacionados à memória com o envelhecimento.

Esquecer pra mim é difícil, é muito difícil, é uma coisa ruim, a pessoa assim na hora sem a memória, sem... peleja, peleja. É fico triste, nome assim de bendito, hino de igreja ou hino assim, evangélico mesmo. Oie eu fiquei curiosa um dia desses, dois nomes de duas bactérias, dois vermes. Aí eu disse: aí meu Deus não me lembro mais não. Não, a outra eu não lembro porque... aí meu Deus eu não me lembro mais do nome daquela outra. Depois eu fui dormir, quando me acordei, me lembrei de uma que é ancilostoma, você já ouviu falar?. (Carmen, 76 anos).

Fatores relacionados a questões de ordem psicológica apareceram como possível responsável pela presença das falhas de memória. Fatores como ansiedade e exposição a situações estressoras podem influenciar o desempenho da memória, indo de encontro com os achados apresentados por Paulo e Yassuda (2010) que relacionaram a interferência de sintomas de ansiedade à frequência de esquecimentos relatados por idosos, expondo uma relação entre as queixas de memória e a presença de sintomas ansiosos.

Esquecer, eu acho que é... é a perturbação que faz a gente esquecer. Ansiedade hoje a gente também esquece, cai no esquecimento. Esquecer é preocupação. Esquecer as coisas é preocupação. Eu tô com uma coisa pra dizer. Carla, minha irmã que vem todo dia aqui... eu lembrei. vou dizer tal coisa assim a Carla, mas se antes disso, de eu dizer o que ia dizer. Aparecer outra conversa no meio, uma coisa que me perturbou, pronto, ali eu não sei mais, não lembro mais. (Severina, 67 anos).

Também cabe pontuar, como sinaliza Espírito-Santo *et al.* (2016), que as alterações percebidas na memória com o envelhecimento estão atreladas ao tipo de memória examinada. Outra questão, também exposta pelos autores, refere-se ao olhar direcionado sobre tais objetos, pois, de um lado, encontra-se o envelhecimento sem a presença considerável de perdas cognitivas, sendo este considerado "saudável"; e de outro, o "não saudável" associado a dificuldades constantes de memória (p. 42).

É, às vezes, não digo. Me sinto, fico assim porque não digo. É, também fico né. É porque você não tem um filho ainda e quer dizer uma coisa a ele, uma história a ele e a gente não... se esquece, né!?. (Maria, 84 anos).

As dificuldades em lembrar algo interferiram nas relações, na medida em que desencadeia na rede de apoio do idoso falta de sensibilidade e irritação frente às falhas de memórias. Para Bosi (1998), ao idoso é cobrada uma memória que não condiz com sua fase do desenvolvimento, já que existe uma pressão social sobre o ato de lembrar, uma vez que não admitimos falhas por parte deles, pois, ao menor sinal de esquecimento, acendemos um sinal de alerta sobre a necessidade de cuidado e supervisão para com esses sujeitos.

Ah, fico pensando, né!? Me sinto mal. Eu fico mei irritado porque eu me esqueço daquilo, eu fico mei nervoso. Ah, ficam dizendo.... Mai tu esquece muito das coisas. Tu faz as coisas e esqueci. Bota um coisa no canto, aí depois vai caçar, endoida caçando, endoida o juízo do zotos. Aí o povo fica nervoso com eu. É, encabulado. Faço xingar, às vezes, mas não fico mal não. Não, não esqueça assim mais não. Não, não esqueça assim demais não. Eu esqueço e no mesmo pé eu me lembro, entendeu!? Eu me lembro?. (Manoel, 66 anos).

Oliveira, Guanaes e Costa (2004) acreditam, nessa óptica, que as variáveis interações que estabelecemos nas diferentes fases da vida possibilita-nos compartilhar, modificar e aprender coisas novas, isto é, como indivíduos, interagimos em diferentes contextos e, principalmente, com diferentes parceiros ao longo da vida, propiciando o acúmulo de conhecimentos diversos. Logo, a avaliação produzida pelos idosos sobre sua memória e suas falhas pode sofrer influência da percepção expressa por sua rede de apoio (BOSI, 1998).

Associações entre o esquecimento e a velhice também foram observados entre os idosos, sendo essas alterações consideradas comuns, esperadas, mas com conotações negativas em relação a essa fase da vida (FERREIRA *et al.*, 2012).

Eu não sei explicar a você o que é esquecer não. Esquecer é... Não, é, eu sei... eu acho que eu trabalhei muito aí comecei, sei lá... fiquei com esquecimento. Mai eu também não sou esquecido assim demais assim também não, sabe!? Pequeno até eu me lembrava das coisas, que cantava música, subiava, essas coisas assim... fazia uma musquinha assim. Mas, depois, aí vai ficando vei, vai aumentando, né!?. (Manoel, 66 anos).

Como dito por Ploner, Gomes e Santos (2016) a memória humana se constitui com base em um processo individual e coletivo que nos permite, a partir das nossas experiências de vida, conservar relações interpessoais existentes e estabelecer novas, adaptando-se às mudanças do desenvolvimento.

Se a pessoa não tem sua memória certa, né!? Né, que nem eu que digo uma coisa agora, às vezes, adepois não sei mais. A pessoa diz uma coisa... que hora passou isso!? Aí a memória não tá boa, né?. Quer comparar a pessoa que sabe das suas... sabe de tudo meio certo, pra eu que não sei mais. (Maria, 84 anos).

Foram encontrados relatos de uma memória sem falhas, bem preservada. Nesse sentido, é relevante atentar para a maneira com o sujeito idoso avalia sua qualidade de vida, sua saúde e a própria memória (BERNARDES *et al.*, 2017), entre elas a evocação de fatos passados.

Não! Não me esqueço de nada... Só não fiz estudar, porque não teve quem me ensinasse viu? Fui criado que nem onça no mato. (João, 90 anos).

Verifica-se, com isso, um contraponto em relação ao que é mais comum na sociedade, por se esperar que o idoso comunique queixas de memória ao falar sobre a temática, no entanto, o idoso atesta que sua memória se encontra preservada, o que, para Marinho (2016), vai na contramão da percepção social sobre os idosos, tendo em vista a desvalorização do conteúdo presente na memória desses sujeitos e as crenças atreladas a esse objeto é a velhice; crenças compartilhadas sobre a veracidade das falas adultas. Diante da ausência de relatos de queixas de memória por parte do sujeito idoso, podemos inferir ser um indicativo de um bom funcionamento cognitivo, com suas funções preservadas, em comparação com outros indivíduos presentes nesse estudo ou em igual faixa etária (LUPIEN; WAN, 2004).

Um funcionamento adequado das funções cognitivas na velhice pode contribuir para manutenção da autonomia, do autocuidado e assegurar independência (BERNARDES *et al.*, 2017). Além disso, segundo os autores, almeja-se que sujeitos idosos, ao apresentarem uma visão favorável sobre sua memória, possam atuar de modo mais assertivo em tarefas que requerem uso de tais funções.

5.6 Estratégias compensatórias

A categoria *estratégias compensatórias* concentrou-se em relatos de procedimentos subjetivos adotados pelos idosos para auxiliarem a memória frente aos desafios encontrados. Tais métodos caracterizaram-se por serem externos, como o uso de caderno, bilhetinho, agenda de celular, anotações em locais de fácil visualização e até de recursos internos por meio da associação mental e verbal (TEIXEIRA-FABRÍCIO *et al.*, 2012).

De acordo com Teixeira e Neri (2008), com o envelhecimento, inicia-se uma busca constante para conseguir contornar as perdas, lançando mão de diferentes estratégias compensatórias, de modo a obter suporte para as mudanças oriundas dessa etapa da vida. Em consonância, Rabelo e Neri (2013) salientam que os idosos são capazes de se reorganizar frente às mudanças percebidas nessa fase da vida, encontrando diversas possibilidades para lidar com as alterações ocorridas na velhice, de modo individual ou com auxílio do seu meio social, fazendo-se importante permanecer exercitando a memória, através de atividades que favoreçam o seu desempenho e pleno funcionamento (ARAÚJO; SILVEIRA; RIBEIRO; SILVA, 2012). Outrossim, para as autoras, com o processo de envelhecimento pode ocorrer comprometimento em funções cognitivas, principalmente diante da ausência de estimulação.

Agora eu tô anotando. Eu tô anotando. Quando eu quero saber... pra eu não esquecer daquilo eu vou e anoto no papelzinho ali. Aquele dia ali é pra eu saber. Até o gás mesmo, de cozinha eu noto. Toda vez que eu troco o bujão eu gosto de anotar. Agora eu tô fazendo assim. Antigamente eu não precisava disso. Antigamente eu não precisava, era tudo anotado na cabeça. Na minha cabecinha lá, já estava anotado. Tem um papelzinho lá, tem um lugarzinho certinho lá. Aí eu vou anoto. Já tem o nome gás, eu boto a data do mês e tal, pra quando se acabar eu olhar e ver quanto tempo ele passou. Antigamente eu não precisava, era tudo anotado na cabeça, conseguia guardar na cabeça. Mas, marcar tal coisa eu vou marcar no celular pra quando eu quiser ir ali olhar. (Severina, 67 anos).

A partir dos dados analisados, observamos que os idosos parecem beneficiar-se da seleção, da otimização e da compensação diante do desempenho de suas atividades diárias, valendo-se de métodos acessíveis, como o uso de caderno, bilhetes e associações mentais,

frente às queixas de esquecimento. Os sujeitos selecionavam uma estratégia para evitar que algo considerado importante fosse esquecido, em seguida, otimizavam o método escolhido por meio de adaptações, a partir de suas necessidades e interesses, de modo com que conseguissem o apoio pretendido. Para Firmino, Lins e Fernández-Calvo (2020), a adoção de estratégias por pessoas idosas como suporte às funções cognitivas, em especial a memória, estaria relacionada ao nível de queixas apresentadas. No mais, os mesmos autores expõem que o uso de tais medidas compensatórias diz respeito à percepção que esses sujeitos possuem sobre suas falhas de memória.

Eu anoto pra não esquecer. Eu tenho esquecimento, eu tenho esquecimento, mas quando eu vejo que vou me esquecer de alguma coisa, tá ali o caderno, eu escrevo no caderno. Aí pronto, eu digo tal coisa onde eu botei um dinheiro, eu não me lembro onde botei. Vou lá e tá escrito, tal, tal, lá na gaveta, em tal gaveta, no guarda roupa, pronto, aquilo eu. (Carmen, 76 anos).

Baltes e Baltes (1990 *apud* NERI, 2006) ressaltam que os idosos podem encontrar diferentes arranjos para organizar-se de maneira interna e externa a partir da seleção, da otimização e da compensação, no sentido de maximizar ganhos e minimizar perdas, aprendendo a lidar com as alterações biopsicossociais por eles vivenciadas durante a vida. Paralelo a isso, os autores enfatizam que, durante o processo de desenvolvimento humano, vão ocorrer perdas e ganhos, não sendo algo exclusivo apenas da velhice.

Eu me lembro por causa que tem uma música de Luiz Gonzaga, Luiz Gonzaga que diz... quero lançar uma moeda, entamoeba. Ai mode a moeda eu me lembro de entamoeba, a outra verme se chama entamoeba. (Carmen, 76 anos).

No trecho apresentado, a idosa, além de anotar em um caderno, ela também utiliza a associação mental quando deseja recordar algo, colaborando com os apontamentos trazidos por Firmino, Lins e Fernández-Calvo (2020) ao sublinhar o caráter das estratégias usadas pelos idosos como sendo externas aquelas relacionadas ao uso de calendários, blocos de anotações e internas as que envolvem o processo de codificação e recuperação mental por meio de imagens e associações entre objetos.

Também é observada a utilização de recursos internos por meio de estratégias de memorização de objetos. Pessoas idosas, que lançam mão de mecanismos de apoio à memória diante da frequência de esquecimentos, apresentam uma interpretação positiva a respeito das falhas percebidas no seu cotidiano (FIRMINO, LINS E FERNÁNDEZ-CALVO, 2020).

Não, nunca cheguei a anotar não, entendeu. Porque as vezes que a gente sai de casa, a gente olha o que tá faltando, né. E quando chega lá, dá pra lembrar tudo. É tudo na cabeça mesmo, dá pra lembrar sim. Tá boa ainda. É, até hoje é, no sabe. Não sei de amanhã por diante, né. Porque o dia de amanhã só pertence mesmo a Deus. Mas, até hoje, graças a Deus, tá tudo bem. (Antônio, 67 anos).

Ao verificar o que estaria faltando em casa antes das compras, o idoso estaria usando o recurso da memória para não esquecer o que precisava, destacando os diferentes suportes utilizados por eles para auxiliar a memória diante da realização de atividades diárias, do esquecer e do evocar informações. Ao elencar estratégias compensatórias, os idosos passam a utilizar ferramentas capazes de oferecer suporte diante do desempenho de algumas funções, tornando esse tipo de comportamento frequente em seu dia a dia (NERI; NERI, 2013).

Assim, como o processo de envelhecimento ocorre de maneira singular, com a memória não é diferente, pois os estímulos indispensáveis à memorização também se distinguem entre os sujeitos. Ou seja, cada idoso apresenta seu próprio método e técnica para auxiliá-los frente ao esquecimento e em suas rotinas, de acordo com as suas condições educacionais e socioeconômicas (VITORINO; VIGETA, 2016).

Os números telefone delas, eu sei o número de todo mundo decorado, dela. Ela não sabe o meu! Marisa mora aqui comigo e não sabe meu número eu ligo pra ela muita vez, e ela diz que viu lá, mas num num... Eu digo: menina presta atenção, decora pelo menos as duas últimas letras que é os oitos e três. Quando ver que o final é oito três já sabe que é meu telefone. Ela não sabe o dela, não sabe o meu, não sabe o número de um telefone de uma tia. Eu digo: que memória ruim essa de vocês, apoi a minha, minha filha é dez. (Severina, 67 anos).

Nesse prisma, observou-se que o uso do celular recebeu uma conotação positiva pelos que passaram a utilizar esse tipo de recurso tecnológico quando seu uso beneficiava o idoso diante do esquecimento. Para Lindôso (2018), as mudanças que ocorreram na sociedade, entre elas, o uso de novas tecnologias atreladas à modernização dos recursos de comunicação permitem a elaboração de interpretações variadas e singulares a partir do modo de vida de cada sujeito.

Verifica-se, portanto, que estamos cada vez mais motivados a encontrar estratégias para alcançar um envelhecimento saudável, traçando metas que possibilitem garantir uma longevidade com ganhos e manutenção da funcionalidade, com menos sobrecargas para a sociedade e para aqueles que envelhecem (RIBEIRO, 2015).

Diante de um número cada vez maior de idosos em nossa sociedade, prever-se o aumento das demandas dessa população, a saber, adversidades físicas, psíquicas ou sociais, estando as questões de ordem cognitivas atreladas ao envelhecimento, dentre essas inquietações que precisam ser analisadas (FIRMINO; LINS; FERNÁNDEZ-CALVO, 2020).

Constata-se, assim, que os diferentes significados construídos pelos idosos sobre seu processo de envelhecimento estão diretamente ligados à forma como vivenciam essa fase da vida, a suas relações sociais, a seus hábitos de vida e a aspectos subjetivos (LEITE; ARAÚJO, 2017; SCHNEIDER; IRIGARAY, 2008). Ainda, a maneira como eles olham para a vida e para o seu próprio percurso colaboram com a percepção da velhice. Acerca disso, Oliveira, Guanaes e Costa (2004) acreditam serem as variáveis interações que estabelecemos nas diferentes fases da vida que nos possibilitam compartilhar, modificar e aprender coisas novas.

Os significados apresentados estão circunscritos por questões de ordem subjetivas, pelos diferentes contextos econômicos, socioculturais e ambos os elementos atravessam o processo de desenvolvimento desses sujeitos e a maneira como se situam na velhice.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao realizar uma pesquisa científica, deparamo-nos com inúmeros desafios, por exemplo, a escolha do objeto de pesquisa, do referencial metodológico ao tempo destinado à coleta, a análise dos dados e a escrita dos resultados. No caso do mestrado, temos um período de dois anos para maturar tudo o que envolve a pesquisa e, por isso, deve-se ter em mente que os achados são recortes, apontamentos que almejamos poder nortear futuros trabalhos no mesmo seguimento.

Diante desse cenário, referente aos estudos envolvendo memória e velhice, observa-se, na literatura, um número reduzido de estudos interessados em discutir essa temática no campo da psicologia a partir de uma análise qualitativa. Neste trabalho, então, visamos analisar a construção de significados de memória por idosos de modo que os resultados possam contribuir para novos estudos na área.

Sob essa óptica, entre os oito participantes desta pesquisa e os seus diferentes contextos de desenvolvimento, atravessados por fatores ambientais, sociais, culturais, econômicos e históricos, identificamos que a importância atribuída à memória estava ligada à sua capacidade de guardar lembranças e possibilitar recordar fatos, além de assegurar a manutenção e o estabelecimento das relações sociais (ALVES *et al.* 2019). A memória também assume um papel de reconhecimento social - os idosos são capazes de contar histórias e produzir memórias coletivas que são passadas por meio de uma história oral. Nem sempre esses sujeitos vão encontrar ouvintes atentos, todavia, ao encontrar, expressam uma satisfação em poder repassar o conhecimento aprendido ao longo da vida (BOSI, 1998). Na medida em que contavam a respeito de suas vivências, eles relembavam sua história de vida, espaços percorridos e elencavam as mudanças advindas com a passagem do tempo. Sejam essas mudanças biológicas ou sociais, visto que, além de trazerem mudanças físicas, também expuseram alterações ambientais, ao se referirem ao local onde moram, e sociais, com diminuição da rede de relações, sejam saudades de quem já faleceu, ou, simplesmente, pelos afastamentos oriundos da vida.

Posto isso, ao destrinchar a respeito da memória, uma parcela dos idosos se ampara em épocas diferentes da vida, em fases diferentes do seu desenvolvimento para poder fazer uma análise qualitativa, entre o objeto memória e a velhice do ponto de vista subjetivo. Em contrapartida, pode-se verificar que as mudanças na memória não receberam uma conotação negativa por parte de todos, havendo relatos positivos sobre as funções mnemônicas, sem a presença de queixas, contrariando tanto a percepção social sobre a memória dos idosos quanto

achados na literatura (MARINHO, 2016).

Por isso, majoritariamente, pode-se dizer que as exposições exibem alguns significados que já são usualmente relacionados à memória na velhice como sendo comum a presença de falhas de memória e o declínio das funções mnemônicas à medida que ficamos velhos, colaborando com achados da literatura que trazem a velhice apenas como um período de perdas. Esses resultados chamam atenção para a importância de trabalhar a velhice não apenas como um período de perdas, mas que pode existir aquisição de novos aprendizados e adoção de mecanismos de suporte para memória capazes de auxiliar na manutenção de um engajamento ativo. Igualmente, as emoções desencadeadas pelas falhas de memória são também um fator importante para a reflexão sobre os impactos desses eventos no processo de envelhecimento.

Estratégias como o uso de agendas, lembretes e associações mentais são métodos que visam auxiliar em relação ao esquecimento. Nesse sentido, foi observado que a maioria dos participantes do estudo já faziam uso de algum recurso de apoio à memória, contudo sem um refinamento técnico que os permitisse otimizar os benefícios da técnica adotada, significando apenas uma medida para evitar esquecer algo ou recorrer quando desejar lembrar.

Ademais, outra peculiaridade importante relaciona-se ao uso de novas tecnologias digitais como prejudicial quando usadas como substitutas às funções da memória por pessoas jovens. Assim, tais avaliações negativas, frente às tecnologias digitais, podem funcionar como uma ruptura nos processos de estabelecimento de trocas intergeracionais, alterando a maneira de compartilhamento da memória e a transmissão de experiências entre jovens e idosos. No entanto, constatou-se percepções favoráveis em relação ao uso do celular, quando utilizado como recurso estratégico de auxílio à memória pelos próprios idosos diante da presença de queixas de esquecimento.

Outrossim, o uso dos recursos tecnológicos tem provocado alterações na maneira como nos comunicamos, mas não podemos esquecer o quanto a tecnologia possibilitou, em relação à pandemia da Covid-19, manutenção do convívio social, principalmente entre os idosos, considerados grupos de risco. Ainda referente à Covid-19, embora a pesquisa tenha sido realizada em meio à pandemia, não foram verificados relatos referentes ao contexto atual e alguma implicação no modo de comunicação, nem em relação à memória por parte do sujeito da pesquisa.

Portanto, podemos inferir que a memória permite ao idoso a continuidade da identidade social, sentimento de pertencimento a algo, a um grupo; e a manutenção de valores individuais considerados importantes, como lembrar-se de arcar com suas responsabilidades

frente aos compromissos assumidos com outras pessoas ainda que os significados referentes ao envelhecimento, em especial à memória, estabeleçam-se de maneiras variadas, a depender de cada grupo, cultura e de características particulares de cada indivíduo.

REFERÊNCIAS

- ARREGUY-SENA, C.; MARANGON, A. M. G.; GOMES, A. M. T.; MELO, L. D.; MARTINS, R.; FONTES, F. L. S. Representações sociais sobre esquecimento e depressão por pessoas idosas: abordagem processual. **Enferm. Foco**, v. 11, n. 1, p. 57-62, 2020.
- ALVES, A. C. R.; CUNHA, E. S.; RIBEIRO, I. L.; OLIVEIRA, G. M. A.; OLIVEIRA, L. R.; ANDRADE, L. F. R.; CAMPOS, T. C. Memória e qualidade de vida: uma ação interdisciplinar com vistas ao envelhecimento ativo e saudável. **Anais do 16º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais**. p. 1-8, 2019.
- ALMEIDA, M. H. M.; BEGER, M. L. M.; WATANABE, H. A. W. Oficina de memória para idosos: estratégia para promoção da saúde. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação [online]**, v. 11, n. 22, p. 271-280, 2007.
- ARAÚJO, P. O.; SILVEIRA, E. C.; RIBEIRO, A. M. V. B.; SILVA, J. D. Promoção da saúde do idoso: a importância do treino da memória. **Revista Kairós Gerontologia**. São Paulo (SP). v. 15, n. 8, p.169-183, dez, 2012.
- ARAÚJO, C. M.; OLIVEIRA, M. C. S. L.; ROSSATO, O. O Sujeito na Pesquisa Qualitativa. Psic.: **Teor. e Pesq.**, Brasília, v.33, p. 1-7, 2016.
- AMORIM, K. S.; ROSSETTI-FERREIRA, M. C. A matriz sócio-histórica. **Rede de Significações e o estudo do desenvolvimento humano**, p. 93-112, 2004.
- ARAGÃO, D. R. N.; CHARIGLIONE, I. P. F. S. **A Percepção do Tempo através do Processo de Envelhecimento**. PSI UNISC, Santa Cruz do Sul, v. 3, n. 1, p. 106-120, jan./jun. 2019.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70. 2016.
- BARBOSA, G. C.; FARIA, T. K.; RIBEIRO, P. C. C.; MÁRMORA, C. H. C. A relação entre fatores biopsicossociais e os desfechos clínicos de hospitalização, institucionalização e mortalidade segundo o paradigma de desenvolvimento lifespan. **Braz. J. of Develop.**, Curitiba, v. 6, n. 11, p. 85823-85846, nov. 2020.
- BERNARDES, F. R.; MACHADO, C. K.; SOUZA, M. C.; MACHADO, M. J.; BELAUNDE, A. M. A. Queixa subjetiva de memória e a relação com a fluência verbal em idosos ativos. **CoDAS [online]**, v. 29, n. 3. 2017.
- BILLIG, J. D.; FINGER, I. Bilinguismo como potencial proteção contra o declínio da memória de trabalho no envelhecimento. **Signo**. Santa Cruz do Sul, v. 41, n. 71, p. 153-163, maio/ago. 2016.
- BOSI, E. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Cia das Letras, 1998.
- BOSI, E. **O tempo vivo da memória**, Ensaios de Psicologia Social/ Ecleia Bosi - São Paulo, Ateliê Editorial, 2003.

BOURDIEU, P. Espaço físico, espaço social e espaço físico apropriado. **Estudos Avançados**, [S.l.], v. 27, n. 79, p. 133-144, 2013.

BOURSCHEID, F. R.; MOTHES, L.; IRIGARAY, T. Q. Percepção subjetiva de memória. **Estudos de Psicologia**, Campinas, n. 33, v. 1, p. 151-159, jan/março, 2016.

BORELLA, E.; CARBONE, E.; PASTORE, M.; DE BENI, R.; CARRETTI, B. Working Memory Training for Healthy Older Adults: The Role of Individual Characteristics in Explaining Shortand Long-Term Gains. **Front. Hum.** v,11, Article 99, March 2017.

BORGES, R. M.; BRITO, C. M. D.; BARBOSA, C. M.; REZENDE, E. J. C. Memória e arte na velhice: o caso das “meninas de sinhá”. **Revista Licere**, Belo Horizonte, v.23, n.4, dez/2020.

BHERING, E.; SARKIS, A. . Modelo bioecológico do desenvolvimento de Bronfenbrenner: implicações para as pesquisas na área da Educação Infantil. **Horizontes**, v. 27, n. 2, p. 7-20, jul./dez. 2009.

BRASIL. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE**, 2020. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pe/buenos-aires/panorama>. Acesso em 06/04/2021.

BRASIL. Ministério da Saúde – OMS, **Relatório Mundial sobre o Envelhecimento da população**, 2015. Disponível em: <https://sbgg.org.br/wp-content/uploads/2015/10/OMS-ENVELHECIMENTO-2015-port.pdf>. Acesso em: 06/04/2021.

BRITO, F. C.; LITVOC, C. J. Conceitos básicos. In Brito, F.C. e Litvoc, C. J. (Ed.), **Envelhecimento – prevenção e promoção de saúde**. Atheneu, São Paulo, p.1-16, 2004.

CALLEFI, J. S.; ICHIKAWA, E. Y. A Memória na História Oral de Vida dos Idosos. **Revista Interdisciplinar de Gestão Social**, [S. l.], v. 8, n. 1, 2019.

CAMINO, L.; TORRES, A. R. R. Origens e desenvolvimento da Psicologia Social. In: CAMINO, Leôncio et al. **Psicologia Social: temas e teorias**. Brasília/DF: 2ª ed. revista e ampliada. Technopolitik, p. 31-107, 2013.

CARVALHO, F. C. R.; NERI, A. L.; YASSUDA, M. S. Treino de memória episódica com ênfase em categorização para idosos sem demência e depressão. **Psicologia: Reflexão e Crítica** [online]. v. 23, n. 2., 2010.

CARDOSO, M. R. G.; OLIVEIRA, G. S.; GHELLI, K. G. M. Análise De Conteúdo: Uma Metodologia De Pesquisa Qualitativa. **Cadernos da Fucamp**, v.20, n.43, p.98-111, 2021.

CAMPOS, C. J. G. Método de análise de conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 57, n. 5, p. 611-614, 2004.

CANABARRO, I. S.; MOSER, L. M.; ERNESTO, E. S. História, memória e identidade: refletindo sobre a oralidade como aporte para leitura de uma cultura. **Revista Memória em Rede**, Pelotas, v.10, n.18, p. 112-127, Jan./Jul, 2018.

CANÇADO, F. A. X.; HORTA, M. L. Envelhecimento cerebral In E.V. Freitas., L. Py., A.L. Néri., F.A.X. Cançado., M.L. Gorzoni, M.L e S.M. Rocha (Eds), **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, p.112-127, 2002.

CORREIA, M. F. B. A constituição social da mente: (re)descobrimos Jerome Bruner e construção de significados. **Estudos de Psicologia**, v. 8, n. 3, p. 503-513, 2013.

CORSO, L. V.; DORNELES, B. V. Qual o papel que a Memória de Trabalho exerce na Aprendizagem da Matemática? **Bolema**. v. 26, n. 42, p. 627-47, 2012.

DE VITTA, A. Atividade física e bem-estar na velhice. In NERI, A.L.; FREIRE, S.A. (Orgs.). **E por falar em boa velhice**. Campinas, SP: Papirus, p.25-38, 2000.

DIAS, T. E. M. **Envelhecimento e Memória: um estudo sobre as diferentes estratégias sociocognitivas utilizadas por idosos**. Monografia (graduação em psicologia). Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2017.

ESCORSIM, S. M. O envelhecimento no Brasil: aspectos sociais, políticos e demográficos em análise. **Serv. Soc. Soc.**, São Paulo, n. 142, p. 427-446, set./dez. 2021.

ESPÍRITO-SANTO, H., PENA, I. T., GARCIA, I. Q., FREITAS, C. F., COUTO, M.; DANIEL, F. Memória e Envelhecimento. **Revista Portuguesa de Investigação Comportamental e Social**. v. 2, n. 2, p. 41-54, 2016.

FAZZIO, D. M. G. Envelhecimento e qualidade de vida – uma abordagem nutricional e alimentar. **Revisa**, v.1, n. 1, p. 76-88, Jan/Jun ISSN: 2179-0981. 2012.

FECHINE, B. R. A.; TROMPIERI, N. O processo de envelhecimento: as principais alterações que acontecem com o idoso com o passar dos anos. **Revista Científica Internacional**. Edição 20, v. 1, n. 7, p. 106-194, Jan/Mar, 2012.

FERNANDES, M. G. M.; LOUREIRO, L. S. N. Memória e história oral: a arte de recriar o passado de idosos. **A Terceira Idade**, v.20, n.45, p.53-66, 2009.

FERREIRA, O. G. L.; MACIEL, S. C.; COSTA, S. M. G.; SILVA, A. O.; MOREIRA, M. A. S. P. Envelhecimento ativo e sua relação com a independência funcional. **Texto Contexto Enferm**, Florianópolis, v. 21 , n. 3, p. 513-8, Jul-Set, 2012.

FIRMINO, R. G.; LINS, I. L. A. R.; FERNÁNDEZ-CALVO, B. Uso de estratégias cognitivas diante de queixas subjetivas de memória em idosos saudáveis. **Rev Ter Ocup Univ São Paulo**. v. 30, n. 2, p. 102-9, maio/ago, 2020.

FREITAS, M. T. A. A abordagem sócio-histórica como orientadora da pesquisa qualitativa. **Cadernos de Pesquisa**, n. 116, p. 21-39, julho/ 2002.

GARRIDO, A. A.; MORENO, G. B.; VELÁZQUEZ, F. R. Type 1 diabetes and working memory processing of emotional faces. **Journal of Diabetes Research**, v. 363, p. 173-181, 2019.

GALEANO, E. **O Livro dos abraços**/Eduardo Galeano; tradução de Eric Nepomuceno. –

Porto Alegre – Coleção L&PM Pocket, 272, p. 18 cm, 2019.

GOMES, E. C. C.; SOUZA, S. L.; MARQUES, AP. O.; LEAL, M. C. C. Treino de estimulação de memória e a funcionalidade do idoso sem comprometimento cognitivo: uma revisão integrativa. **Ciência & Saúde Coletiva**, n.25, v. 6, p. 2193-2202, 2020.

GODOY, A. S. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas [online]**, São Paulo, v. 35, n.3, p. 20-29 Mai./Jun. 1995.

HASHER, L.; ZACKS, R. T. Working memory, comprehension, and aging: A review and a new view. In G. H. Bower (Ed.), **The psychology of learning and motivation: Advances in research and theory**, v. 22, p. 193–225, p. 1988.

IZQUIERDO, I. **Memória**. Estudos Avançados [online]. v. 3, n. 6, p. 89-112. 1989.

IZQUIERDO, I. **Memória**. [recurso eletrônico] / Iván Izquierdo. – 2. ed. rev. e ampl. – Porto Alegre : Artmed, e-PUB, 2014.

IZQUIERDO, I.; LIA R. M. BEVILACQUA, L. R. M.; CAMMAROTA, M. Arte de esquecer. **Estudos avançados**. v. 20, n.58, p. 289-296, 2016.

JACKSON, J. D., BALOTA, D. A., DUCHEK, J. M., Head, D. White Matter Integrity And Reaction Time Intraindividual Variability In Healthy Aging And Early-stage Alzheimer Disease. **Neuropsychologia**. v. 50, n.3, p.357-66, Feb, 2012.

KONFLANZ, F.; COSTA, K.; MENDES, T. A neuropsicologia do envelhecer: as “faltas” e “falhas” do cérebro e do processo cognitivo que podem surgir na velhice. **Psicologia Pt**, 2017.

KLINGBERG, T. Training and plasticity of working memory. **Trends in Cognitive Sciences**, n.14, p. 317-324, 2010.

KREUZ, G.; FRANCO, M. H. P. O luto do idoso diante das perdas da doença e do envelhecimento – **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 69, n. 2, p. 168-186, 2017.

LAMAR, M.; CUTTER, W. J.; RUBIA, K.;BRAMMER, M.;DALY, E. M.;CRAIG, M. C.; CLEARE, A. J.; MURPHY, D. G. (2009). 5-HT, prefrontal function and aging: fMRI of inhibition and acute tryptophan depletion. **Neurobiol Aging**. v. 30, n. 7, p. 1135-46, Jul, 2009.

LATOSKI, A.; NOGUEIRA, E. E. S. Dimensões temporais e espaciais da prática empreendedora em grupo: o caso da feira de artesãs como comunidade de prática. **Cadernos EBAPE.BR** [online]. 2021, v. 19, n. 1 , pp. 1-17. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1679-395120190129x>>. Acessado 3 Fevereiro 2022.

LANZI, L. A. C.; CASTRO, R. M. DÁTILO, G. M. P. A. Memória do idoso: uma construção afetiva do passado por meio da educação. **Artigos do Dossiê**. v. 2, n. 1, 2016.

LEMAIRE P.; HINAULT T. **Age-related differences in sequential modulations of poorer-strategy effects.** Exp Psychol, 2014.

LEIBING, A. Memória, velhice e sociedade. In: FREITAS, E. V. et al. (Orgs.). **Tratado de geriatria e gerontologia.** Rio de Janeiro: Guanabara, p. 1.363-1.365, v. 2, 2006.

LEITE, Â. R. L.; ARAÚJO, M. S. S. Significados da velhice para quem envelhece (u). **Temporalis**, Brasília (DF), ano 17, n. 33, jan./jun. 2017.

LINDÔSO, Z. C. L. Percepção Subjetiva de Memória, Identidade Social e Envelhecimento. **Sociologia on Line**, n. 16, p. 38-65, julho, 2018.

LINDÔSO, Z. L.; CAMMAROTA, M. P.; ARGIMON, I. I. L.; GOMES, I.; SCHWANKE, C. H. A. Percepção subjetiva de memória e habilidade manual. **Rev. Bras. Geriatr. Gerontol.** Rio de Janeiro. v. 14, n. 2, p.303-317, 2011.

LUPIEN, S. J, WAN N. Successful ageing: from cell to self. **Philos Trans R Soc Lond B Biol Sci.** v. 359, n. 1449p. 1413-26, 2004.

MARINHO, M. S. Memória e envelhecimento: uma breve reflexão sobre a função da memória na velhice. **Revista Espaço Acadêmico**, n. 178, março, 2016.

MASCARELLO, L. J. Memória de trabalho e processo de envelhecimento. **Psic. Rev.** São Paulo, volume 22, n.1, 43-59, 2013.

MAGNABOSCO-MARTINS, C. R.; VIZEU-CAMARGO, B.; BIASUS, F. Universitas Representações sociais do idoso e da velhice de diferentes faixas etárias. **Univ. Psychol.** Bogotá, Colômbia. v. 8, n.. 3, p. 831-847, sep-dic, 2009.

MARQUES, R. G.; SIMÕES, P. A.; ROSA, B. S.; SILVESTRE, M. Idosos autônomos: uma reflexão ética. **Rev Port Med Geral Fam.** v 37, p. 482 -488, 2021.

MEIHY, J. C. S. B.; HOLANDA, F. História oral: com o fazer, com o pensar. v. 2. n.4, reimpressão. São Paulo: **Contexto**, 2015.

MINAYO, M. C. Amostragem e saturação em pesquisa qualitativa: consensos e controvérsias. **Revista Pesquisa Qualitativa.** São Paulo (SP), v. 5, n. 7, p. 01-12, abril. 2017.

MINAYO, M. C.; COSTA, A. P. Fundamentos Teóricos das Técnicas de Investigação Qualitativa. **Revista Lusófona de Educação**, v. 40, n. 40, p. 139-153, 2018.

MIRANDA, G. M. D.; MENDES, A. C. G.; SILVA, A. L. A. Os desafios do envelhecimento populacional. **Rev. Bras. Geriatr. Gerontol.**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 3, p. 507-519, maio/jun, 2016.

MORANDO, E. M. G.; SCHMITT, J. C.; FERREIRA, M. E. C. (2017). Envelhecimento, autocuidado e memória: intervenção como estratégia de prevenção. **Revista Kairós Gerontologia**, São Paulo, v. 20, n. 2, p. 353-374, 2017.

MOURÃO JÚNIOR, C. A.; FARIA, N. C. Memória. Psychology/Psicologia: **Reflexão e Crítica**, n. 28, v. 4, p. 780-788, 2015.

MONTEIRO, R. E. G.; COUTINHO, D. J. G. Uma breve revisão de literatura sobre os idosos, o envelhecimento e saúde. **Braz. J. of Develop.** Curitiba, v. 6, n. 1, p. 2358-2368, jan. 2020.

NAVA, J.; KLAUCK, S. Intermittências entre velhice e memória. **Revista espaço acadêmico**, n. 291, p. 56-67, fev. 2018.

NARDI, T. VIEIRA, B. S. OLIVEIRA, R. G. Memória de Trabalho na Depressão de Idosos. **Psicologia. Teoria e Pesquisa**, v. 29 n. 2, p. 221-228, Abr-Jun, 2013.

NERI, A. L. **Psicologia do envelhecimento: Temas selecionados na perspectiva de curso de vida**. Campinas, SP: Papirus, p. 276, 1995.

NERI, A. L. O legado de Paul B. Baltes à Psicologia do Desenvolvimento e do Envelhecimento. **Temas psicol.** Ribeirão Preto, v.14, n.1, jun, 2006.

NERI, A. L.; FORTES-BURGOS, A. C. G. Processos de envelhecimento saudável. **Brazilian Society of Geriatrics and Gerontology**. Summary, (Online). v.3, n.2 p. 2447-2123, 2009.

NERI, A. L.; NERI, M. L. **Tratado de geriatria e gerontologia**. Elizabete Viana de Freitas ... [et al.]. - 3.ed. - [Reimpr.]. - Rio de Janeiro : Guanabara Koogan, p. 2025-2045, 2013.

NERY, O. S.. Objeto, memória e afeto: uma reflexão. **Revista Memória em Rede**, Pelotas, v.10, n.17, Jul./Dez.2017.

OLIVEIRA, D. C. Análise de conteúdo temático-categorial: uma proposta de sistematização. **Rev. enferm. UERJ**, v. 16, n. 4, p. 569-576, 2008.

PAULO, D. L. V.; YASSUDA, M. S. Queixas de memória de idosos e sua relação com escolaridade, desempenho cognitivo e sintomas de depressão e ansiedade. **Archives of Clinical Psychiatry (São Paulo)** [online]. 2010, v. 37, n. 1, 2010.

PATIAS, N. D.; HOHENDORFF, J. V. Critérios de qualidade de pesquisa. **Psicol. Estud.**, v. 24, p. 1-14, 2019.

PETERSEN, R. C. Clinical practice. Mild cognitive impairment. **N Engl J Med**. 9; v. 364, n. 23, p. 2227-34. jun, 2011.

POLLAK, M. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, p. 1992.

PLONER, K. S.; GOMES, M.; SANTOS, S. T. DOS. Metamemória no envelhecimento e os impactos promovidos pela Oficina de Memória. **Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano**, v. 13, n. 2, 16 dez. 2016.

PREFEITURA MUNICIPAL DE BUENOS AIRES. A cidade. Disponível em: <https://www.buenosaires.pe.gov.br/sobre-a-cidade>. Acesso em 19 de dez. de 2021.

RABELO, D.F.; NERI, A.L. Intervenções psicossociais com grupos de idosos. **Revista Kairós Gerontologia**, São Paulo, v.16, n. 6, p.43-63, 2013.

RIBEIRO, P. C. C. A psicologia frente aos desafios do envelhecimento populacional. **Revista Interinstitucional de Psicologia**, v. 8, n. 2, p. 269-283, Edição Especial, dezembro de 2015.

ROSSETTI-FERREIRA, M. C.; AMORIM, K. S.; SILVA, AP. S. Rede de significações: alguns conceitos básicos. **Rede de significações e o estudo do desenvolvimento humano**, v. 1, p. 23-33, 2004.

ROSSETTI-FERREIRA, M. C.; AMORIM, K. S.; SILVA, AP. S. OLIVEIRA, Z. M. R. Desafios metodológicos na perspectiva da rede de significações. **Cadernos de Pesquisa**, v. 38, n. 133, p. 147-170, jan./abr. 2008.

ROCHA, L. F. Teoria das representações sociais: a ruptura de paradigmas das correntes clássicas das teorias psicológicas. **Psicologia: Ciência e Profissão** [online]. v. 34, n. 1, p. 46-65, 2014.

RONDINA, R. D. C.; DÁTILO, G. M. P. D. A. Memória, envelhecimento e qualidade de vida: a perspectiva da psicologia cognitiva. **Revista Científica Eletrônica de Psicologia**, ano VIII, n. 15, p. 01-12, 2010.

SÁ, C. P. Sobre o campo de estudo da memória social: uma perspectiva psicossocial. **Psicologia: Reflexão e Crítica** [online]. v. 20, n. 2, p. 290-295, 2007.

SÁ, C. P. A memória histórica numa perspectiva psicossocial. **Morpheus – Revista Eletrônica em Ciências Humanas**, ano 9, n.14, 2012.

SANTOS, M. F.; BELO, I. Diferentes formas de velhice. **Psico**. Vol 31, n. 2, p. 31-48. 2000.

SARTORI, M. E. S. R. **Entre tempo, memória e história se constroem as narrativas do passado**, 2018. Disponível em <https://www.itaucultural.org.br/entre-tempo- memoria-ehistoria-se-constroem-as-narrativas-do-passado>. Acesso em 12 de dez. de 2021.

SACRAMENTO, A. M.; CHARIGLIONE, I. P. F. S.; MELO, G. F.; CÁRDENAS, C. J. Autoeficácia e Memória em Idoso. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 37, e373113, 2021.

SALDANHA, A.; NASCIMENTO, C. G.; RAUPP, L. M. “ livro da vida”: trabalhando memórias e resignificando experiências de vida de um grupo de idosas(os). **Estud. interdiscipl. envelhec.**, Porto Alegre, v. 24, n. 1, p. 103-118, 2019.

SILVA, J. R. R. T. **Memória e aprendizagem: construção de significados sobre o conceito de substância química**. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Pernambuco - CFCH - Programa de Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva - Recife, 211 f.: il.; 2018.

SILVA, C. A. A.; FIXINA, E. B. Significados da velhice e expectativas de futuro sob a ótica de idosos. **Geriatr Gerontol Aging**. v. 12, n. 1, p. 8-14, 2018.

SILVA, L. C.; FREITAS, M. C. M. A. Recontando histórias e revivendo memórias: a contação de histórias como resgate de memória para idosos. **IV Mostra Científica do Curso de Pedagogia da UniEVANGÉLICA**. v. 3 n. 1, p. 121-131, 2018.

SILVANA, L. N.; RITA, C. L. R.; LINA, E. F. P. L. R.; SYLVIA, C. C. F.; ANDRÉIA, Q. R.; EVELINE, T. P. Capacidade funcional em idosos longevos. **Rev Bras Fisioter**, São Carlos, v. 14, n. 4, p. 322-9, jul./ago. 2010.

SOUSA, A. B.; SALGADO, T. D. M. Memória, aprendizagem, emoções e inteligência. **Revista Liberato**, Novo Hamburgo, v. 16, n. 26, p. 101-220, jul./dez. 2015.

TEIXEIRA, I. N. D. O.; NERI, A. L. Envelhecimento bem-sucedido: uma meta no curso de vida. São Paulo, **Psico. USP**. v. 19, n. 1, p. 81-94, jan/mar, 2008.

TEIXEIRA-FABRÍCIO, A.; LIMA-SILVA, T. B.; KISSAKI, P. T.; VIEIRA, M. G.; TIAGO NASCIMENTO ORDONEZ, T. N.; OLIVEIRA, T. B.; ARAMAKI, F. O.; SOUZA, P. F.; YASSUDA, M. S. Treino cognitivo em adultos maduros e idosos: impacto de estratégias segundo faixas de escolaridade. **Psico-USF** [online]. 2012, v. 17, n. 1, p. 85-95, 2012. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1413-82712012000100010>> Acesso em 12 de fevereiro de 2022.

TOMAZINI, R. J. Qualidade de vida na velhice: envelhecimento ativo e sexualidade. **Diaphora**. Porto Alegre, v. 8, nº 2, jul/dez, 2019.

VINUTO, J. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, v. 22, n. 44, 2014.

VILAR, S. C.; AMORIM, K. S. Vínculos afetivos em idosos, em contextos distintos de desenvolvimento. **Anais.. Natal**: [s.n.], 2016.

VITORINO, L. P.; VIGETA, S. M. G. A percepção das alterações da memória no processo de envelhecimento pela pessoa idosa. **III Seminário Nacional de Pesquisa em Extensão Popular. Universidade Federal Da Paraíba**, Nov. p. 133- 148, 2016.

YASSUDA, M. S.; VIEL, T. A.; SILVA, T. B. L.; ALBUQUERQUE, M. S. Memória e Envelhecimento: Aspectos Cognitivos e Biológicos **Tratado de geriatria e gerontologia**. Elizabete Viana de Freitas ... [et al.]. - 3.ed. - [Reimpr.]. - Rio de Janeiro : Guanabara Koogan, p. 2046-2056, 2013.

ZANETTE, M. S. Pesquisa qualitativa no contexto da Educação no Brasil. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, n. 65, p. 149-166, jul./set. 2017.

ZITTOUN, T. Dynamics of Life-Course Transitions: A Methodological Reflection. In: VALSINER, J.; MOLENAAR, P. C. M.; LYRA, M. C. D.P.; CHAUDHARY, N. (Ed.). **Dynamic process methodology in the social and developmental sciences**. New York: Springer, 2009. p.405-429.

ZINKE, K.; ZEINTL, M.; ROSE, N. S.; PUTZMANN, J.; PYDDE, A.; KLIEGEL, M. Treinamento e transferência de memória de trabalho em adultos mais velhos: efeitos da idade,

desempenho inicial e ganhos de treinamento. **Psicologia do Desenvolvimento**, v. 50, n. 1, p. 304-315, 2014.

ZWICKER, M. R.G.S. Internet, memória e aprendizagem: tecnologias digitais e implicações na memória. **RPGE–Revista on line de Política e Gestão Educacional**, Araraquara, v. 21, n..3, p. 1638 -1654, dez., 2017.

APÊNDICE A – Questionário Sociodemográfico**• Questionário Sociodemográfico**

Nome: _____

Sexo: F () M () T() Idade: _____

Naturalidade: _____ Nacionalidade: _____

Contato: _____

Religião: _____

Convive com alguma doença? Qual _____

Escolaridade: _____

Estado Civil: _____

Filhos? não () sim () quantos? _____

Com quem mora? _____

Com que frequência encontra-se com a sua família?

diariamente () semanalmente () mensalmente () anualmente ()

De que forma?

pessoalmente () por telefone() carta() Outra()

Costuma sair de casa? sim () não (). Se sim, com que frequência?

diariamente () semanalmente() mensalmente() anualmente()

Costuma visitar os seus amigos/vizinhos? sim () não(). Se sim, com que frequência?

diariamente () semanalmente () mensalmente () anualmente ()

Profissão: _____ Ocupação atual: _____

Tem alguma atividade regular? sim () não (). Se sim, qual? _____

APÊNDICE B – Roteiro de Entrevista

- **Entrevista**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA**

Roteiro de entrevista

1. O (a) Senhor (a) poderia me contar algum evento marcante da infância?

Nasceu aqui em BA?

2. Já morava por aqui quando Buenos Aires foi fundada?

3. O senhor(a) se lembra da fundação de Buenos Aires? Poderia me contar como foi?

Memória

O que é memória pro senhor(a)?

Qual a importância que a memória tem pro/a senhor/a?

Para as pessoas em geral, qual importância o senhor acha que elas dão à memória?

(Você acha que as pessoas dão muito valor à memória?)

O que o (a) senhor(a) acha da sua memória?

O (a) senhor (a) faz alguma atividade para exercitar a sua memória?

Esquecimento

O que é esquecer pro senhor?

O (a) Senhor (a) já passou por alguma situação em que ficou preocupado por ter

esquecido algo importante? Poderia me contar como foi esse momento?

Como o (a) senhor (a) se sente quando quer se lembrar de alguma coisa ou fato e não consegue?

O (a) senhor (a) tem alguma estratégia para não esquecer das coisas?

****O (a) Senhor (a) acha que se esquece muito das coisas?**

Atividades cotidianas

Como costuma ocupar o seu tempo?

Precisa memorizar (guardar muita informação) muita coisa para realizar essas atividades?

Quais dificuldades o senhor (a) percebe para lembrar de coisas do seu dia-a-dia?

Poderia me dizer alguma coisa que fazia antigamente e hoje não consegue mais?

Poderia me dizer algo que o senhor aprendeu a fazer na velhice?

Agradecemos imensamente sua participação e lembramos que as informações que foram prestadas nessa entrevista, permanecerão em total sigilo por parte dos pesquisadores responsáveis.

APÊNDICE C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

- **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Convidamos o(a) Sr (a) para participar, como voluntário(a), da pesquisa “ **Memória e envelhecimento: um estudo sobre o significado das falhas de memória para idosos**”, que está sob a responsabilidade das pesquisadoras Taciana Elaine de Moura Dias, residente na Rua Projetada Quatorze, 18, Loteamento Nossa Senhora de Fátima – Buenos Aires/ PE, CEP: 55845-000, Telefone: (81) 9-97722556 – e-mail: taciana.dias@ufpe.br, orientada pela Prof^a. Dr^a. Edclecia Reino Carneiro de Moraes, Telefone: (81) 9-99880062 – e-mail: edclecia.morais@ufpe.br.

Este termo de consentimento pode conter algumas palavras que o (a) senhor (a) não entenda. Caso haja alguma dúvida, pode perguntar a pesquisadora, para que o (a) senhor (a) esteja bem esclarecido (a). Após ser esclarecido (a) sobre as informações e, caso aceite participar do estudo, vou precisar que o (a) senhor (a) assine ao final deste documento. Caso não aceite, o (a) senhor (a) não será penalizado (a). Também garantimos que o (a) senhor(a) pode desistir da sua participação a qualquer momento, sem qualquer penalidade.

Informações sobre a pesquisa

A presente pesquisa será realizada na cidade de Buenos Aires/PE, e tem como objetivo

compreender os diferentes significados atribuídos pelos idosos às suas falhas de memória. O local de coleta dos dados será combinado com cada um dos participantes da pesquisa, levando-se em consideração sua disponibilidade e medidas de segurança. Será aplicado um questionário para obter informações pessoais, como: nome, idade, estado civil, endereço e depois será realizada uma entrevista com o tempo determinado pelo (a) senhor (a).

A entrevista será realizada de maneira individual, no qual o (a) senhor (a) irá responder as perguntas feitas pela pesquisadora, caso aceite participar. A pesquisa pode oferecer algum tipo de desconforto por se tratar de um tema associado diretamente ao envelhecimento e, em se tratando das falhas de memória, pode haver associação com algum quadro demencial. Além disso, pode acontecer alguma exposição ao Covid-19.

Para evitar possíveis desconfortos será garantido local reservado e liberdade para não responder apenas às questões que o senhor (a) quiser. Também serão tomadas todas medidas de segurança para evitar possível contágio pela Covid-19. Além disso, será disponibilizado álcool, máscara, realizado a medição da temperatura, com orientação sobre o contágio e cuidados frente a Covid-19.

As informações desta pesquisa são confidenciais, só os pesquisadores terão acesso e não haverá identificação dos participantes. Os seus resultados só poderão ser divulgados em eventos ou publicações científicas.

Todo material coletado será arquivados e guardados por um período de cinco anos, nas dependências do Laboratório de Interação Social Humana (LABINT – UFPE), situado na Av. Acadêmico Hélio Ramos, s/n – Cidade Universitária – Recife – PE - CEP 50670-901 (9º andar do CFCH – Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFPE) sob a responsabilidade dos pesquisadores.

Em caso de dúvidas sobre esse projeto, o (a) senhor (a) pode procurar o Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo seres humanos da UFPE no endereço: Avenida da Engenharia s/n – 1º Andar, sala 4 – Cidade Universitária, Recife PE, CEP: 50740-600, Tel: (81) 21268588 – e-mail: cepccs@ufpe.br.

Consentimento da participação da pessoa como sujeito

Eu _____, CPF _____, abaixo assinado, após a leitura (ou a escuta da leitura) deste documento e de ter tido a oportunidade de conversar e ter esclarecido as minhas dúvidas com a pesquisadora responsável, concordo em participar do estudo “**Memória e envelhecimento: um estudo sobre o significado das falhas de memória para idosos**”, como voluntário (a). Fui devidamente informado (a) e esclarecido (a) pela pesquisadora sobre os procedimentos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me garantido que posso retirar o meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade.

Buenos Aires, ____/____/____.

Assinatura do Participante: _____

Testemunhas:

Nome:	Nome:
Assinatura:	Assinatura: